

Oh
as
casas
as casas
as casas
as casas
as casas
nascem vivem
e morrem |
Enquanto vivas
distinguem-se
umas das outras
| distinguem-se
designadamente pelo
cheiro | variam até de
sala pra sala | As casas
que eu fazia em pequeno
| onde estarei eu hoje em
pequeno? | Onde estarei
aliás eu dos versos daqui
a pouco? | Terei eu casa
onde reter tudo isto | ou
serei sempre somente esta
instabilidade? | As casas
essas parecem estáveis
| mas são tão frágeis as
pobres casas | Oh as casas
as casas as casas | mudas
testemunhas da vida |
elas morrem não só ao ser
demolidas | Elas morrem
com a morte das pessoas |
As casas de fora olham-nos
pelas janelas | Não
sabem nada de casas os
construtores | os senhorios
os procuradores | Os ricos
vivem nos seus palácios |
mas a casa dos pobres é
todo o mundo | os pobres
sim têm o conhecimento
das casas | os pobres
esses conhecem tudo | Eu
amei as casas os recantos
das casas | Visitei casas
apalpei casas | Só as casas
explicam que exista | uma
palavra como intimidade |
Sem casas não haveria ruas
| as ruas onde passamos
pelos outros | mas passamos
principalmente por nós
| Na casa nasci e hei-de
morre | na casa sofri convivi
amei | na casa atravessei
as estações | Respirei – ó
vida simples problema
de respiração | Oh as
casas as casas as casas

Ruy Belo, Todos os Poemas
Lisboa, Assírio & Alvim, 2000

O H A S C A S S A

20ª SEMANA
CULTURAL DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
2018



revista
da reitoria
da universidade
de coimbra
número 50
novembro 2017

RUA LARGA

O COLÉGIO DE JESUS
ENTRE PORTUGAL E O MUNDO

RUA LARGA

PROPRIEDADE

Universidade de Coimbra

DIRETOR

João Gabriel Silva

DIRETORA-ADJUNTA

Clara Almeida Santos

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

Carlota Simões

EDITORA

Marta Poiares • rua.larga.uc@gmail.com

DIREÇÃO ARTÍSTICA

António Barros

FOTOGRAFIA

João Armando Ribeiro

INFOGRAFIA

Henrique Patrício

Sara Baptista

PRODUÇÃO

Luísa Lopes

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

Rua da Ilha, 1

3000-214 COIMBRA • PORTUGAL

Telef./Fax.: 239 247 170

Email: imprensauc@uc.pt

IMPRESSÃO

Gráfica Maiadouro

TIRAGEM

1700 ex.

ISSN

1 6 4 5 – 7 6 5 x • Anotado no ICS

CAPA

Colégio de Jesus, Coimbra, Portugal

© João Armando Ribeiro, 2005

www.uc.pt/rualarga

rualarga@uc.pt • Tel. 239 859 823

PONTOS DE VENDA

Loja UC

Livraria Virtual: <http://tinyurl.com/potg4o7>

EDITORIAL

Coimbra: uma Universidade Global, desde o século XVI - P.05

João Gabriel Silva

REITORIA EM MOVIMENTO

O Museu da Ciência da Universidade de Coimbra na rota do turismo - P.10

Luís Filipe Menezes

OFICINA DOS SABERES

DOSSIÊ - Visto de Coimbra

Uma exposição sobre a Companhia de Jesus

- Museu da Ciência da

Universidade de Coimbra - P.14

Carlota Simões

A exposição *Visto de Coimbra -*

Os jesuítas entre Portugal e o Mundo - P.18

Pedro Enrech Casleiro

Azulejos que ensinam ciências - P.22

Carlota Simões

Azulejos que ensinam na coleção

InfraVioleta, com desenhos

de Isaura Pena - P.26

Maria Jorge Ferro

IMPRESSÕES

Um silêncio que nos fala

Silêncio (Martin Scorsese, 2016)

Desenhos de Nuno Branco - P.28

Marta Poiares

Fama e Infâmia de um jesuíta,

a propósito de um autógrafo de

Cristóvão Ferreira - P.30

A. E. Maia do Amaral

O curso conimbricense,

a primeira filosofia glocal - P.34

Mário Santiago de Carvalho

A igreja de Jesus.

A retórica articulada entre a Reforma

Católica e a Universidade - P.37

Maria de Lurdes Craveiro

Ignatius Hartoghvelt, S.J.

as an observer of Jesuit life in the

College of Coimbra (1655) - P.41

Noël Golvers

RIBALTA

Manuscritos Jesuítas sobrevivem à expulsão: o Colégio de Jesus, um esconderijo de mais de 250 anos - P.42
Carlota Urbano e Margarida Miranda

António de Vasconcelos [1727-1801] o jesuíta que escondeu os manuscritos na igreja do Colégio de Coimbra - P.45
António Júlio Limpo Trigueiros

CIÊNCIA REFLETIDA

O Colégio de Jesus: Programa, história

arquitetónica e iconografia - P.48

Rui Lobo

AO LARGO

ENTREVISTA

Henrique Leitão - P.56

Marta Poiares

RETRATO DE CORPO INTEIRO

Missão Cumprida

João Maria Fonseca - P.62

Mafalda Esteves - P.64

Marta Poiares

CRÓNICA

A expulsão dos jesuítas em 1759 - P.67

José Pedro Paiva

CRIAÇÃO LITERÁRIA

Litoral - P.69

Susana Martins

LUGAR DOS LIVROS

Cor, natureza e conhecimento

no curso Aristotélico Jesuíta

Conimbricense (1592-1606) - P.70

Maria da Conceição Camps e

Mário Santiago de Carvalho

APOCALÍPTICOSE

INTEGRADOS

Apocalíptico

Elogio do Iluminismo - P.73

Carlos Fiolhais

Integrado

Uma companhia empreendedora - P.74

José Eduardo Franco





COIMBRA: UMA UNIVERSIDADE GLOBAL, DESDE O SÉCULO XVI

Texto adaptado do discurso da Abertura Solene das Aulas, proferido a 20 de setembro de 2017

No dia 25 de setembro de 2017, cumpriram-se exatamente 400 anos da morte de Francisco Suárez, grande filósofo e teólogo jesuíta, de nacionalidade espanhola, cujo magistério é um dos momentos altos da Universidade de Coimbra (UC). Ensinou antes em Segóvia, Valladolid, Roma, Alcalá e Salamanca, mas foi em Coimbra que esteve mais tempo, de 1597 até à sua aposentação em 1615, aos 67 anos. Foi aqui que publicou talvez as suas obras mais importantes: *De legibus*, em 1612, e *Defensio fidei catholicae*, em 1613. Esta última foi encomendada pelo Papa Paulo V para refutar a visão de alguns reis protestantes, como James I de Inglaterra, que entendiam ter um mandato divino direto. Suárez defendeu algo de radicalmente diferente, quase surpreendente para um tempo de monarquias absolutas: a legitimação do mandato vem do povo, e apenas se mantém enquanto o soberano governa bem. Se governar mal, o povo tem o direito de o substituir, a bem ou à força. Esta sua posição teve tanta importância que os seus livros foram publicamente queimados em Londres. A sua Teoria do Direito, explanada essencialmente no *De legibus*, é tão importante que muitos a consideram a origem do Direito Internacional e dos Direitos Humanos, tendo influenciado grandes pensadores posteriores, como Grotius, Descartes, Leibniz, Pufendorf, Adam Smith ou David Ricardo. Embora a herança jesuíta seja sentida por muitos como retrógrada, pela sua ancoragem na escolástica, o período em que ocuparam o Colégio de Jesus e geriram o Colégio

das Artes, de 1555 até à sua expulsão em 1759, foi um período de enorme relevância internacional da UC. Ela seria colocada por todos no top 10 dos *rankings* universitários internacionais, se eles existissem na altura. Assim se explica que, por volta de 1560, a sede em Roma da Companhia de Jesus tenha encarregado o Colégio das Artes de Coimbra de desenvolver os métodos e os conteúdos a serem seguidos em todos os locais do mundo onde os jesuítas lecionassem. O resultado desse esforço é o *Curso Conimbricense*, publicado entre 1592 e 1606, que consiste num muito detalhado comentário das obras de Aristóteles, que constituíam, na altura, a base do ensino universitário em toda a Europa. Este curso foi adotado em todo o universo jesuíta, e muito além dele. Estudaram por ele filósofos como Descartes, Espinosa, Locke, Leibniz, Hobbes e Peirce. Está bem documentado o seu uso generalizado por toda a Europa, do Atlântico aos Urais. Teve centenas de edições em editoras de toda a Europa, com particular intensidade no espaço alemão. Chegaram a existir versões contrafeitas, tal era a apetência do mundo académico por este curso. Acima de tudo, estes foram, incontestavelmente, os primeiros manuais universitários de expansão planetária. Todos os volumes foram traduzidos para mandarim, tendo sido profusamente usados para o estudo conjunto da filosofia ocidental, aristotélica, e da filosofia de Confúcio. Todos podem ainda ser compulsados nas bibliotecas em Pequim. Vários foram



traduzidos para japonês, entre outros pelo jesuíta Cristóvão Ferreira, que ganhou notoriedade mundial recente graças ao filme *Silêncio*, de Martin Scorsese. Há notícia de tradução para tâmil, na Índia e no Sri Lanka. O uso no Brasil era geral, e frequente na restante América Latina. E muito ainda se desconhece, pois o estudo da sua expansão e influência está ainda por fazer.

A condição de obra de referência deste curso manteve-se até muito tarde. Por exemplo, Karl Marx, na sua dissertação de doutoramento apresentada em Jena em 1839, portanto dois séculos e meio depois da publicação inicial do curso, ainda o considera uma obra de referência para a interpretação de Aristóteles, citando dois dos seus volumes. O *Curso Conimbricense* foi uma obra decisiva na evolução do pensamento ocidental, e na sua expansão pelo mundo, de que nos devemos orgulhar. O seu valor decorria também do facto de cobrir a maior parte do conhecimento existente na época, numa antecipação da famosa Enciclopédia de Diderot, que surgiu muito mais tarde. A sua estrutura, centrada nos textos de Aristóteles, com comentários parágrafo a parágrafo, quase palavra a palavra, por vezes com longas explicações e elaborações sobre listas de questões suscitadas pelo texto do estagirita, com muitas referências cruzadas, assumiam um formato muito próximo do hipertexto que caracteriza o mundo atual da Internet, também aqui numa antecipação de muitos séculos.

Porém, sendo atualmente o latim dominado por poucos, em particular o difícil e denso latim filosófico em que o *Curso Conimbricense* é escrito, muito poucos estudiosos contemporâneos o conseguem consultar. O olvido da UC em relação a esta sua obra maior chegou ao fim. Mário Santiago de Carvalho, Sebastião Pinho e Margarida Miranda, com a colaboração de uma vasta equipa, irão fixar o texto latino de referência, traduzi-lo para português e produzir uma edição bilingue latim-português, em 20 volumes, e ainda editar uma versão na *língua franca* dos nossos tempos, o inglês. Este projeto, que será financiado pela própria UC, sem prejuízo de se procurar financiamento exterior, permitirá projetar, ainda mais, a UC, em particular os seus estudos clássicos e humanísticos.

Acima de tudo, ao disponibilizar de novo o *Curso Conimbricense*, estaremos a retomar, por direito próprio, um lugar na primeira fila dos construtores da nossa civilização intelectual, tal como a conhecemos hoje. Reforçaremos a justiça da nossa classificação pela

UNESCO como Património da Humanidade, por razões que, além do enorme valor do património físico, que é inegável, se situam ao nível, muito mais elevado, da conformação do nosso modo de pensar coletivo, da nossa cultura civilizacional. Sem o contributo de Coimbra, o mundo não seria o mesmo.

Este passado tão distinto só nos responsabiliza para o futuro. O desafio que temos pela frente é o mesmo do século XVI: produzirmos saber relevante em todo o mundo, que se torne uma referência global. O projeto de reedição do *Curso Conimbricense* também tem essa ambição: disponibilizar aos nossos próprios investigadores uma ferramenta que lhes permitirá concretizar muitas publicações internacionais de grande relevo.

Mas o que me parece mais relevante realçar aqui é que o Colégio das Artes foi escolhido para produzir o curso, e este teve grande sucesso, porque os seus professores eram os melhores de todos. Manuel de Góis, Sebastião do Couto (este com a interessante particularidade de ter nascido em Olivença e morrido a lutar contra os espanhóis, na batalha de Montes Claros, que selou a restauração da independência de Portugal), Baltasar Álvares e Cosme de Magalhães. Nenhum deles era nascido em Coimbra, e todos tinham estudado noutras universidades além de Coimbra. Francisco Suárez, de quem falei no início, só conheceu Coimbra no final da sua vida.

O critério de escolha dos professores da UC tem de ser a mais exigente meritocracia, único garante de uma condição global para o saber produzido. A naturalidade, a nacionalidade, a filiação, a escola cursada, a idade, o género, a religião, a raça, a categoria profissional, a opção política não são nem podem ser tidos em conta. Só é relevante o mérito nas funções de um professor universitário: investigação, ensino, transmissão de conhecimento para a sociedade, gestão universitária.

O Conselho Geral e o Senado, ao longo dos últimos anos, têm vindo a tomar sucessivas decisões neste sentido. Os mais de 100 concursos de professores atualmente em curso, que constituem o mais elevado volume de contratação na UC de há muitos, mesmo muitos anos a esta parte, estão a seguir essa linha de exigência, quer nos critérios de avaliação quer na composição dos júris. Augura-se um futuro de sucessos para a UC.



Citando o Magnífico Reitor no seu discurso no dia da abertura solene das aulas do ano letivo 2016/2017, “a Universidade de Coimbra (UC) não é só de Portugal, é do mundo. É esse o palco que nos importa, é aí que temos de provar todos os dias a nossa valia. Somos guardiães do local onde Portugal nasceu, cultores primeiros da língua e da cultura portuguesas, mas somos património da humanidade inteira. É esse o nosso orgulho e a nossa responsabilidade.” É neste espírito global, tão característico da sua própria universalidade, que hoje se posiciona a UC, transpondo os limites da cidade, da região e do próprio país. Esta imensidão histórica constitui um trunfo único que deve ser divulgado, promovido e mostrado ao mundo.

O aumento do número de turistas que visitam a UC tem sido uma constante nos últimos anos, seja pelo número de grupos organizados, que vêm através das agências de viagens, seja pelo número de turistas individuais, que chegam em contexto familiar, tomando a iniciativa de nos visitar. Este aumento, que acompanha um fenómeno nacional, deve também ser associado à classificação pela UNESCO da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia como Património Mundial da Humanidade em 2013, mas é certamente consequência da aposta da Universidade na profissionalização do serviço de Turismo na UC, através da criação em 2013 do Projeto Especial de Turismo e Loja UC que gere toda a atividade turística na UC, conseguindo que a UC atingisse uma taxa de aumento de turistas superior à média nacional, com um nível de internacionalização superior a 90%. O aumento do afluxo de turistas tem permitido a obtenção de receitas importantes para a preservação e a reabilitação dos espaços da UC, que fazem parte da nossa história e da nossa identidade enquanto nação. Por esta via se concretizou a reabilitação da Porta Férrea e da Capela de S. Miguel e em breve se vai iniciar uma grande intervenção em várias zonas do Palácio Real. Está em curso a reabilitação da fachada principal da Biblioteca Joanina, um dos espaços mais visitados do país e sem dúvida o “ex-libris” da cidade. Trata-se de uma estrutura sensível e, por essa razão, além da sua reabilitação, estão a decorrer estudos de monitorização ambiental visando a sua preservação contínua.

O aumento do afluxo turístico motivou também a necessidade de diversificar os espaços de visita na Universidade, surgindo por isso a aposta no Museu da Ciência da UC. O Museu da Ciência distribui-se por dois edifícios do iluminismo: o *Laboratório Chimico* e o Colégio de Jesus. O *Laboratório Chimico* é um edifício neoclássico do séc. XVIII, concebido para o ensino experimental da química. Além do laboratório do séc. XVIII, hoje em dia o visitante pode explorar a exposição permanente

Segredos da Luz e da Matéria, uma mostra interdisciplinar de exemplares das várias coleções científicas da UC. No decurso das obras de adaptação do edifício a museu, já durante o séc. XXI, os trabalhos arqueológicos revelaram que o edifício do séc. XVIII foi construído a partir da sala do refeitório que servia o complexo dos colégios jesuítas do séc. XVII. A intervenção trouxe à luz algumas provas da utilização do edifício pela Companhia de Jesus, permitindo ao visitante encontrar vestígios arqueológicos, como uma janela e um púlpito, que mostram a utilização do edifício pela mesma. A exposição *Visto de Coimbra – o Colégio de Jesus entre Portugal e o Mundo*, inaugurada recentemente, permite conhecer com algum detalhe a história da Companhia em Coimbra, assim como alguns episódios das missões jesuítas pelo mundo.

No Colégio de Jesus estão abertos ao público, em permanência, o Gabinete de Física e a Galeria de História Natural. A coleção de instrumentos de Física da UC é uma das mais notáveis e raras da Europa. Estabelecida inicialmente no Colégio dos Nobres em Lisboa, foi transferida para Coimbra para fundar o Gabinete de Física Experimental. O que resta do Gabinete do séc. XVIII são hoje verdadeiras obras de arte, que ainda ocupam as salas e o mobiliário originais. Porque permanece no seu espaço

de origem mantendo as suas características desde o tempo da sua fundação e porque a sua coleção de instrumentos científicos é uma representação notável da evolução da Física nos séculos XVIII e XIX, o Gabinete de Física foi classificado como *Sítio Histórico* pela Sociedade Europeia de Física em 2016.

A Galeria de História Natural da UC iniciou-se com a incorporação de uma coleção privada de Domingos Vandelli, professor em Pádua que veio para Coimbra a convite do Marquês de Pombal. Vandelli foi o primeiro diretor do *Laboratório Chimico*, fundou o Jardim Botânico e organizou as *Viagens Filosóficas*, sendo a de Alexandre Rodrigues Ferreira à Amazônia a mais conhecida. A Galeria de História Natural desenvolve-se por seis salas de exposição permanente. A primeira, designada por Gabinete de Domenico Vandelli, apresenta um conjunto de coleções que representam o fundo mais antigo da coleção, da segunda metade do séc. XVIII. Segue-se a Sala das Viagens, onde se encontram alguns exemplares recolhidos por Alexandre Rodrigues Ferreira. As quatro salas seguintes são as salas do Mar, de África, das Avestruzes e de Portugal.

O projeto especial Turismo e Loja UC iniciou a exploração turística destes espaços em abril de 2016, articulando a estrutura de visitas já existente com estes

novos espaços. O esforço promocional foi inicialmente direcionado aos habitantes da cidade, através de *media* locais, e promoção interna, direcionada aos nossos visitantes, individuais ou de agências de viagens. Neste momento, a promoção é global, em reuniões regulares com operadores, receção de jornalistas de publicações especializadas – turismo, científicas, entre outras – bem como nas redes sociais.

A articulação entre as equipas do Museu da Ciência e do projeto especial Turismo e Loja UC permitiu que o Museu da Ciência abrisse em permanência, além do *Laboratório Chimico*, o seu Gabinete de Física e a sua Galeria de História Natural. Esta parceria permitiu que várias dezenas de milhares de visitantes chegassem ao Museu da Ciência. O passo seguinte será dar a conhecer junto do grande público espaços que de momento apenas são visitáveis por marcação – as Galerias de Mineralogia e Paleontologia, a Anatomia Patológica, a Aula de Desenho – todos eles espaços de *ciência*, palavra que acompanha a UC há já 727 anos – desde o momento em que D. Dinis assinou o seu documento fundador *Scientiae thesaurus mirabilis*.

* Vice-reitor da Universidade de Coimbra

O MUSEU DA CIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA NA ROTA DO TURISMO

LUÍS FILIPE MENEZES *





Visto de Coimbra os Jesuítas entre Portugal e o Mundo

Patente no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (UC) até março de 2018, a exposição *Visto de Coimbra – os Jesuítas entre Portugal e o Mundo* leva a Companhia de Jesus do seu ponto de partida para o centro das atenções, focando-se em dois núcleos principais – os colégios jesuítas de Coimbra e as missões jesuítas no mundo. Num ano em que este tema ocupou o espaço mediático – pelo filme *Silêncio* de Martin Scorsese ou pela visita a Portugal do primeiro Papa jesuíta de sempre –, a mostra põe em evidência alguns protagonistas jesuítas formados em Coimbra e enviados para o mundo, desde a fundação do Colégio até à expulsão da Companhia.

Depois de duas exposições, uma no Arquivo e outra na Biblioteca Geral da UC, e de um colóquio sobre o tema, o acervo documental e bibliográfico é agora posto em diálogo com as coleções de instrumentos científicos e de história natural do Museu da Ciência da UC ilustrando o contexto religioso, social e cultural com que os jesuítas se confrontaram na sua vertente de evangelização.

Encontramos nesta exposição instrumentos de ensino e de ciência, como os *azulejos que ensinam*, hoje à guarda do Museu Nacional Machado de Castro, mas também tesouros raros da Companhia, como a escultura luso-oriental de Cristo morto no crucifixo da igreja do Colégio de Jesus ou a bota de São Francisco Xavier (reliquia da Comunidade do Noviciado do Santo Nome de Jesus), e também o acervo documental de António de Vasconcelos, que permaneceu oculto durante mais de 250 anos na Igreja do Colégio de Jesus (Sé Nova).

UMA EXPOSIÇÃO SOBRE A

COMPANHIA DE JESUS

MUSEU DA CIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CARLOTA SIMÕES *



A exposição *Visto de Coimbra – os Jesuítas entre Portugal e o Mundo*, patente no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (UC), descreve o papel de Coimbra no estabelecimento de contactos entre a Europa, a África, o Brasil e a Ásia, a partir do século XVI. Incide sobre a Companhia de Jesus, que ocupou os espaços onde hoje está instalado o Museu da Ciência da UC, e coincide com um momento de impacto mediático da Companhia, seja pelo filme *Silêncio* de Martin Scorsese, pelas descobertas recentes de documentação na Sé Nova de Coimbra, ou pela visita a Portugal do primeiro Papa jesuíta de sempre. A exposição divide-se em dois espaços, um dedicado à História da Companhia em Coimbra, outro às missões jesuítas no mundo.

A Companhia de Jesus foi fundada em 1534. O seu primeiro colégio foi o de Coimbra (1542) e a Província Portuguesa a mais antiga (1546). Estabelecida a primeira casa, logo se iniciaram missões de evangelização nos territórios de presença portuguesa. O Colégio de Coimbra era essencial na formação académica dos missionários, tornando-se ponto de passagem para jesuítas europeus antes de partirem em missão, tendo ainda publicado o curso mais difundido, adaptado e usado por toda a Europa, o *Curso Conimbricense*.



Curso Conimbricense, Comentário à Dialéctica de Aristóteles, 1606.

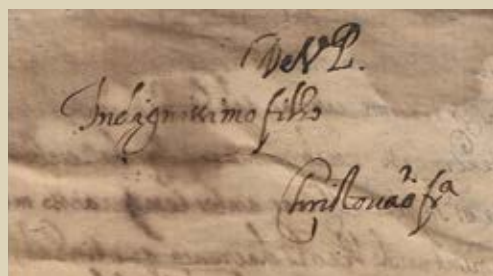
O nome da exposição inspira-se numa gravura da Lua da autoria do padre Cristovão Borri, feita em Coimbra (1626) e publicada na obra *Colecta Astronomica* (1629) antes de Borri partir para a Ásia. É a primeira ilustração científica na área da astronomia feita em Portugal e a segunda a ser publicada, apenas precedida pela de Galileu na sua obra *Siderius Nuncius* (1610), 16 anos antes. Esta gravura é prova da ciência experimental e do projeto pedagógico da Companhia de Jesus, que então reproduzia as experiências científicas mais recentes, dando conhecimento delas ao mundo, num inovador processo de globalização.



Gravura da Lua, feita em Coimbra por Cristovão Borri, em 1627.



Azulejo com reprodução de gravura de *Os Elementos* de Euclides, edição de Tacquet (1654).



Assinatura do Padre Cristóvão Ferreira na carta ânua escrita em 1618, no Japão.



Documento escondido na Sé Nova por António de Vasconcelos em 1759, encontrado em 2016.

O conhecimento da matemática e da astronomia era fundamental para a atividade missionária no Extremo Oriente. Os jesuítas eram muito respeitados na China também porque dominavam a matemática, mas esta era por vezes descurada na Província Portuguesa. Para contrariar essa falha, o Geral da Companhia de Jesus Tirso González escreveu uma carta com instruções muito específicas (1692). Uma das sugestões foi a reprodução das figuras do livro de matemática utilizado nas aulas, de modo a ficarem à vista dos alunos, surgindo assim os azulejos didáticos jesuítas.

Mas as missões podiam ser muito duras. O filme *Silêncio*, do realizador Martin Scorsese, relata os dramas da perseguição religiosa contra os cristãos no Japão do século XVII. A figura central é o Padre Cristóvão Ferreira, que passou pelo Colégio de Coimbra antes de partir para o Japão. Existe na UC uma carta escrita por ele no Japão (1618), quando já era ali proibida a prática da religião cristã, e onde se encontram descritas histórias de perseguições.

Durante o cerco ao Colégio de Coimbra que precedeu a expulsão da Companhia (1759), o jovem padre António Vasconcelos escondeu cartas e manuscritos num altar da igreja do Colégio de Coimbra (hoje Sé Nova) que só foram encontrados em 2016. Os documentos são variados: uns são do período da fundação da Companhia de Jesus e da fundação do Colégio de Jesus, outros do século XVII, e outros ainda contemporâneos do período da expulsão.

A Companhia foi suprimida em 1773. Viria a ser restaurada em 1814. Apesar de não regressar ao complexo do séc. XVIII, trabalhos arqueológicos no *Laboratório Chimico* revelaram que este edifício foi construído a partir da sala do refeitório que servia os colégios jesuítas. A intervenção trouxe à luz várias janelas e um púlpito, hoje visitáveis em permanência no Museu da Ciência da UC.

* Diretora do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra



Parede interior do *Laboratório Chimico* onde se identifica o púlpito e uma janela do refeitório jesuíta. Fotografia de Emanuel Brás.

A EXPOSIÇÃO VISTO DE COIMBRA

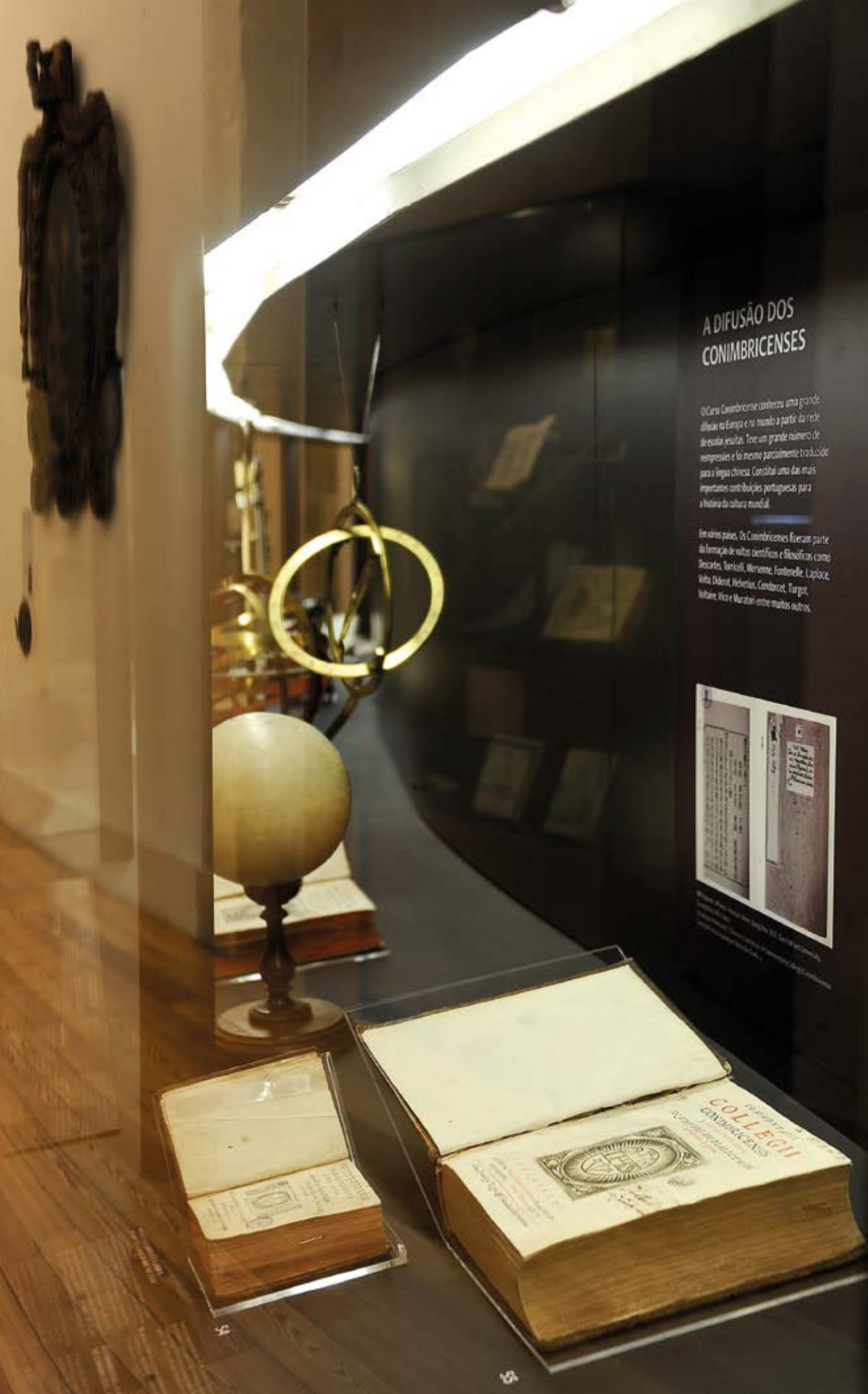
OS JESUÍTAS ENTRE PORTUGAL E O MUNDO

PEDRO ENRECH CASALEIRO *

A história dos jesuítas em Portugal confunde-se com a história de Coimbra. Tem como referência os edifícios do complexo jesuítico da Alta, que foram transformados em novas faculdades pelo Marquês de Pombal depois da expulsão da Companhia de Jesus, em 1759. Os testemunhos que persistem deste complexo incluem a igreja do Colégio de Jesus (Sé Nova de Coimbra), a matriz do Colégio expressa pelo claustro da igreja, também o claustro e a capela do Noviciado no Colégio das Artes e os vestígios do refeitório no *Laboratório Chimico*. A par destes não há traços da cultura material jesuíta nas coleções do Museu, formado no impulso iluminista do Marquês e instalado naqueles edifícios. O património jesuíta que restou foi incorporado na Universidade de Coimbra (UC), subsistindo um rico acervo documental e impresso no Arquivo da UC (AUC) e na Biblioteca Geral da UC (BGUC).

Visto de Coimbra é uma exposição que se inspira nos conteúdos do Ciclo *Cultura, Ciência e Culto* e no Colóquio com o nome da exposição. Recorre aos fundos das duas mostras prévias, no Arquivo e na Biblioteca, que levantaram as fontes jesuítas. Cruzando este acervo com as coleções de instrumentos científicos e de história natural do Museu da Ciência da UC, criou-se uma narrativa em dois sectores: os colégios Jesuítas de Coimbra, e as missões jesuítas na Assistência portuguesa. A exposição põe em evidência alguns protagonistas jesuítas formados em Coimbra e enviados para o mundo, desde a fundação do Colégio até à expulsão da Companhia. Está localizada no espaço de exposições temporárias do *Laboratório Chimico* e constitui o embrião da mostra permanente a realizar no Colégio de Jesus com vista à interpretação da memória histórica do lugar.

Os dois núcleos principais da exposição centram-se nos aspetos que deram mais visibilidade a Coimbra, contribuindo para o seu prestígio mundial. Na primeira sala, os *Conimbricenses*, manuais do curso filosófico que comentavam os textos de Aristóteles e que se transformaram em obras de ensino global seguidas nos colégios da rede. Salienta-se no



ensino da Ciência, da Matemática e da Astronomia, o livro de Álgebra (1567) de Pedro Nunes, pelo jesuíta matemático Clavius, estudante no Colégio das Artes de Coimbra e fundador da tradição científica e interesse pela matemática na Companhia, e um dos maiores responsáveis pela difusão da obra de Nunes na Europa. Os tesouros de astronomia, como o astrolábio *Coimbra* (1675) do Observatório Astronómico da UC, ilustram estas obras. No ensino humanista, destaca-se o papel do Colégio das Artes como modelo da atividade escolar da Companhia, juntamente com o Colégio Romano e o Germânico. Em Coimbra, encenaram-se as primeiras peças de teatro das tragédias sacras acompanhadas de coros musicais (1562), expressas em manuscritos originais do acervo da Biblioteca.

A segunda sala é marcada pela árvore geográfica jesuíta de Kircher (1667), transposta para o planisfério de Ortelius, de 1570, no século de ouro da expansão jesuíta entre 1550 e 1650. As manchas nas regiões das cinco assistências jesuítas permitem visualizar a verdadeira dimensão da província portuguesa, de longe a mais vasta e abrangente onde a assistência se tornou verdadeiramente internacional e globalizante. Esta dimensão ultrapassava a disponibilidade dos meios humanos dos jesuítas portugueses, o que levou, no caso do Oriente, ao recurso a um grande número de jesuítas europeus das outras províncias.

Os objetos das coleções do Museu da Ciência, em particular da coleção etnográfica, ilustram o contexto religioso, social e cultural com que os jesuítas se confrontaram na sua vertente de evangelização. Acompanham as obras que referem os destacados missionários jesuítas que passaram por Coimbra, como S. João de Brito, António de Andrade, Tomás Pereira, Matteo Ricci, Bernardo de Kagoshima, Cristovão Ferreira, Manuel de Almeida, António do Couto, Manuel da Nóbrega, S. José de Anchieta, entre muitos outros.

Alguns tesouros jesuítas relevantes foram solicitados a outras entidades. O retábulo de N^o Sr^a do Pópulo do Colégio das Artes, reprodução do mais antigo ícone mariano de Roma autorizada aos jesuítas e divulgada na rede de colégios, hoje depositado no Centro Hospitalar da Universidade de Coimbra (CHUC). A escultura luso-oriental de Cristo morto no crucifixo da igreja do Colégio de Jesus, hoje no Museu Nacional de Machado de Castro (MNMC). As pinturas seiscentistas de Sto. Inácio de Loyola e de S. Francisco Xavier da Sacristia da Sé Nova, da Diocese de Coimbra. Uma estante nanbam de origem japonesa com a marca IHS do Convento de Sta. Clara-a-Nova, da Confraria da Rainha Santa. A bota de S. Francisco Xavier, relíquia da Comunidade do Noviciado do Santo Nome de Jesus. Estão, ainda, em exibição objetos de coleções particulares, gentilmente cedidos por Carlos Nabais Conde, Eugénio Maia do Amaral, Louzã Henriques, Maria do Rosário Martins e Miguel André Duarte Martins.

* Investigador no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra



N. Sr. do Pópulo



Mapa ou árvore de Kircher

Azulejos que ensinam ciências

CARLOTA SIMÕES *



Pertencem aos espólios do Museu do Azulejo, em Lisboa, e do Museu Nacional Machado de Castro, em Coimbra, vários azulejos que serviram em tempos para ensinar Matemática, Astronomia, Geografia. Sabemos, hoje, que foram criados para apoiar o ensino das ciências nos colégios jesuítas de Coimbra. Os azulejos de matemática estão hoje completamente identificados, graças à pesquisa de António Leal Duarte (Universidade de Coimbra)¹, que conduziu à identificação de todas as figuras representadas nos azulejos matemáticos, bem como do livro que contém as gravuras originais. Chegaram aos nossos dias cerca de duas dezenas de azulejos matemáticos, mas terão existido mais de três centenas. Todos eles reproduzem figuras de *Os Elementos* de Euclides, na versão de André Tacquet, precisamente a que era usada nas escolas jesuítas. A primeira edição foi publicada em 1654, com o título *Elementa geometriae planae ac solidae quibus accedunt selecta ex Archimede theoremata*, mas outras edições e traduções foram publicadas nas décadas seguintes. Não é conhecida a edição exata de onde foram tiradas as imagens dos azulejos, mas existe um exemplar de 1672 na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra ao qual faltam os desdobráveis com as figuras. Terão dele sido retiradas as ilustrações para

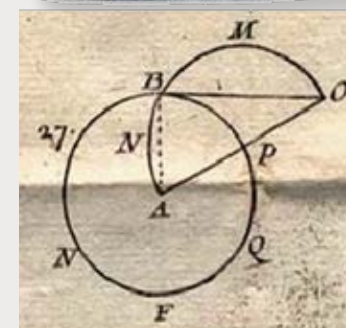
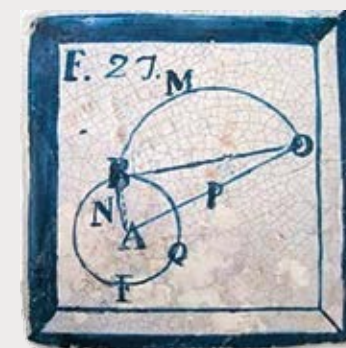
1 António Leal Duarte, Carlota Simões (ed.), *Azulejos que Ensinam*, catálogo de exposição, Universidade de Coimbra, 2007.

servirem de modelo para execução dos azulejos? Em 1692, o Geral da Companhia de Jesus, Tirso González, enviou para Portugal as *Ordenações para estimular e promover o estudo da Matemática na Província Lusitana*, onde se pode ler: “Quinto: Procurem primeiro os Superiores dos colégios de Coimbra e Évora que cada um dos nossos filósofos tenha necessariamente para seu uso os seis primeiros livros dos Elementos de Euclides que contém os elementos de geometria plana. São muito convenientes os que compôs o P. Andreas Tacquet [...]. Na escola, ou em qualquer outro lugar destinado às demonstrações deve ser exposto um quadro das figuras principais, maior e mais amplo, que será comum a todos, e a que se deve adaptar um compasso para a demonstração das figuras [...].”

Ordenação de Tirso González (1692)

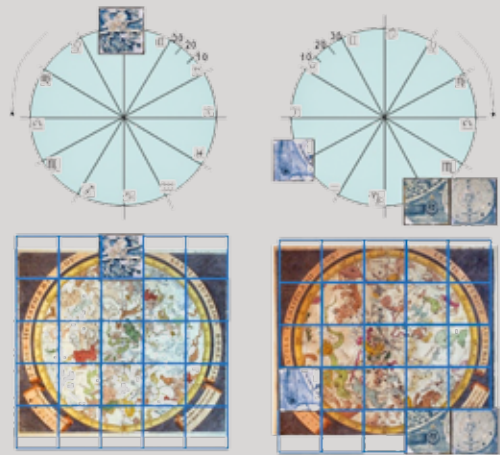
Este quinto ponto da Ordenação explica o aparecimento dos azulejos: no local onde se dá a aula de Matemática deve haver um quadro amplo, com as figuras correspondentes às principais demonstrações. Os azulejos foram, decerto, uma das respostas a estas ordenações.

Conhecem-se quatro azulejos de astronomia (Museu Nacional Machado de Castro), que terão feito parte de um painel onde estariam representadas constelações celestes, cometas e representações do sistema solar. Um trabalho metucioso de Francisco Gil (UC) permitiu concluir que esse



Azulejo e respetiva gravura por Tacquet

painel continha um mínimo de 50 azulejos, representando dois discos, com as constelações dos hemisférios celestes norte e sul, bem como cometas (pelo menos dois) e modelos do sistema solar (o sistema ptolomaico e, pelo menos, mais um que não conseguimos identificar).



Também neste caso se deduz que o painel continha um mínimo de 50 azulejos, contendo dois discos, representando dois hemisférios terrestres.

Há, no entanto, dois azulejos por identificar. O primeiro parece querer explicar um fenómeno de hidráulica, embora a figura original ainda não tenha sido encontrada, mas o segundo continua a ser um mistério. Ambos fazem parte do acervo do Museu Nacional Machado de Castro.

No Museu do Azulejo, encontra-se o único azulejo de geografia que chegou aos nossos dias. A partir da sua observação, Francisco Roque de Oliveira (Universidade de Lisboa) é de opinião que este azulejo fazia parte de um painel que tomava como modelo um mapa-mundo do século XVII. Talvez o modelo tenha mesmo sido um dos mapas-mundo do cartógrafo holandês Joan Blaeu, já que o nosso azulejo representa o polo do hemisfério terrestre ocidental de um dos mapas de Blaeu até à ilha de Baffin, no atual Ártico canadiano. O topónimo “Cumberlandia” corresponde a esta mesma ilha e já aparecia em alguns mapas de Mercator.



Será o segundo um sino de mergulho, semelhante ao modelo que existe no Gabinete de Física do Museu da Ciência da UC? Este objeto, antecessor do escafandro, foi inventado em 1535 por Guglielmo de Lorena. Na ficção encontramos uma ligação entre a Companhia de Jesus e este objeto, usado pelo padre jesuíta Gaspar, personagem de *A Ilha do Dia Antes*, de Umberto Eco, que se lança com ele num mergulho nos mares do Pacífico:



“O padre Gaspar abriu o rolo de pele, prendendo-o com ganchos por dentro. E o objeto era um cone sem ponta, fechado em cima e aberto na base, uma espécie de campânula. Sobre ela, entre o círculo superior e o médio, abria-se um postigo de vidro. Sobre o teto da campânula estava fixado um aro robusto.”

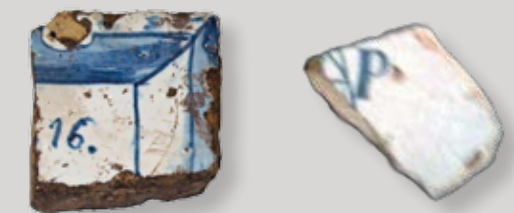
Umberto Eco, *A Ilha do Dia Antes* (1994)



Modelo de campânula de mergulhador (MCUC, FIS.0207) Foto: José Meneses

Em finais de 2010, em escavações junto ao Museu da Ciência da UC, os arqueólogos Sónia Filipe e Paulo Morgado encontraram dois pedaços de cerâmica, claramente pedaços de *azulejos que ensinam*. Estes dois pedaços fazem parte da exposição *Visto de Coimbra*.

Tendo estes pedaços sido encontrados em escavações junto à zona dos colégios jesuítas da cidade de Coimbra, podemos, finalmente, e com grande certeza, concluir que os azulejos matemáticos estiveram expostos num colégio jesuíta em Coimbra, seguramente depois de 1654 (data da publicação da edição de Tacquet de *Os Elementos de Euclides*), certamente depois de 1692, em resposta à Ordenação de Tirso Gonzales, e antes da expulsão dos jesuítas de Portugal, em 1759. Terão sido destruídos durante a Reforma Pombalina e entulhados durante as obras do Iluminismo. Esta descoberta permitiu, sem sombra de dúvida, concluir que os azulejos hoje espalhados por diversos museus nacionais e por coleções particulares ensinaram ciência nos colégios jesuítas em Coimbra.



* Diretora do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra

AZULEJOS QUE ENSINAM NA COLEÇÃO INFRAVIOLETA, COM DESENHOS DE ISAURA PENA

MARIA JORGE FERRO *

É sabido (e sentido) que há acasos felizes. Há mesmo uma palavra para descrever estes casos curiosos e estas impressões de suprema delícia. Serendipidade. Aqui, temos um encontro a que alguém, de espírito diligente e habilidade muito própria, deu um sentido que importa partilhar.

Neste tempo que vivemos, onde as imagens são presença permanente, de súbito, (Isaura Pena) uma artista chegada do Brasil, doutoranda do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, encontra uma preciosidade há muito (re)descoberta, mas ainda não plenamente (suficientemente?) conhecida sequer pela comunidade académica: *Os Azulejos que Ensinam*, do/no Museu Nacional Machado de Castro. Esses azulejos que são, cada um, no seu conjunto, obra de arte, peça de encantamento. Azulejos com os desenhos que ilustram os *elementos* de Euclides.

A artista para o olhar em cada desenho, deleita-se com a delicadeza de cada peça, aprecia o material em que cada elemento descansa, e apela à nova tomada de perspectiva e deixa-se embalar pelos tons de azul de algumas representações, suspende-se no traço preto de algumas outras, repara na textura gasta, estalada pelo tempo, amarelecida pelo passar da História, e anima-se no delírio do prazer desalinado de “traçar um quadrado à mão livre”. Deixa-se viajar também através da sua própria história e salta-lhe o pensamento a um trabalho anterior em que participara lá longe – *Geometria Impura* –, ela mesma, agora que se prepara para limar todas as arestas das interrogações, todos os limites demasiado fixos, soltos, certos, presos e, no entanto, é nesta geometria representada – com o esmero árduo de, em azulejo, deixar cravada uma proposição de Euclides – que o mar de possibilidades de recriação pessoal se apressa a assumir forma na sua ânsia de traçar. Que cientistas se sintam maravilhados com estas peças, é quase evidente. Que estes *Azulejos que Ensinam*

deslumbrem quem quer aprender, é de esperar. Que uma apropriação artística deste legado, nesta Universidade, se assuma como uma lufada nova de fresco ar para que qualquer um/a se sintá mobilizado/a a (re)visitar o Museu, a (re)visitar a matemática, a (re)atentar ao mundo em seu redor, é um facto!

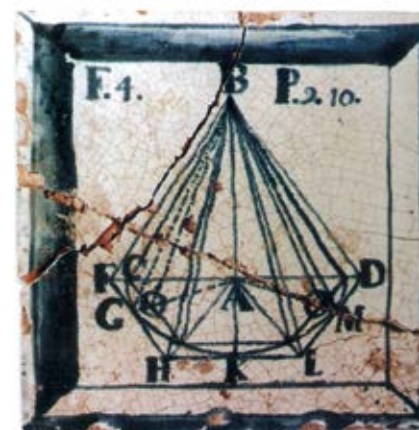
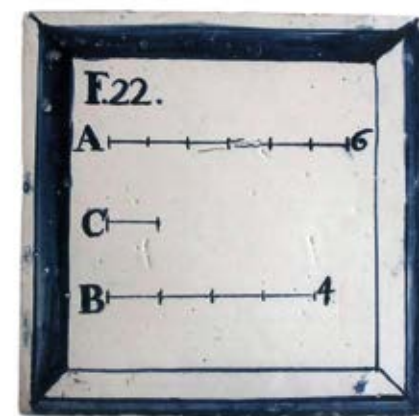
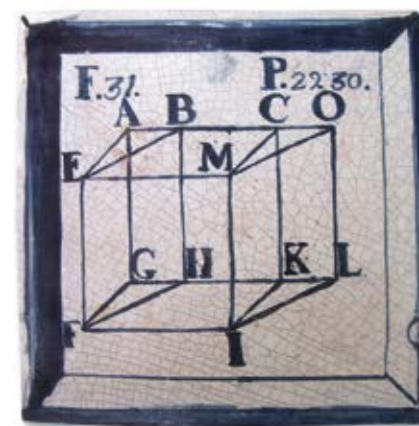
Isaura “pega” um número de azulejos e desmonta a sua própria inocência na apropriação da realidade. Joga com perspectivas, engana-se. Deixa-se ir. Aflige-se com a explicação de ângulos e cortes e sólidos e figuras planas. E é quando “esquece” a matemática e apenas se deixa levar pelo retorno ao desenho à mão livre das figuras geométricas que a animam, que são presença tão regular na sua obra, que percebe que quer trazer todos os olhares a experimentar o fascínio que fruiu naquele dia de bom vento que até estas peças fez chegar.

Desenhos! De memória. De impressões. Em tudo não matemáticos, mas desenhos que resultam de um desejo de reconhecer, de recordar, de memória. Matemática, ensino, arte... delicadeza, beleza, ah... poesia, então não é disso tudo que se faz cada dia?

De onde surgem os desenhos, afinal? Porque se produziram os azulejos, afinal?

Consultada a brochura coligida pelo Museu (2007), percebemos o quanto a “boa hora” esteve presente no trabalho de reconhecimento, organização e mostra destes azulejos e da sua revivescência. Sempre é necessário que alguém encontre sentidos nas coisas da vida, se de sentidos felizes, então, essa possibilidade de encontro é ainda mais prometedora. Assim se passou com este deambular. Que assim venha a suceder com a visita aos originais que daqui teremos mesmo de fazer.

* Professora Auxiliar da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra



Um silêncio que nos fala

Silêncio

(Martin Scorsese, 2016) retrata a jornada para o Japão de dois padres jesuítas portugueses, Sebastião Rodrigues (Andrew Garfield) e Francisco Garupe (Adam Driver), em 1640, na missão de encontrarem o antigo mentor – agora dito apóstata – Cristóvão Ferreira (Liam Neeson), enfrentando a incessante perseguição religiosa dos budistas contra os cristãos.

DESENHOS DE NUNO BRANCO

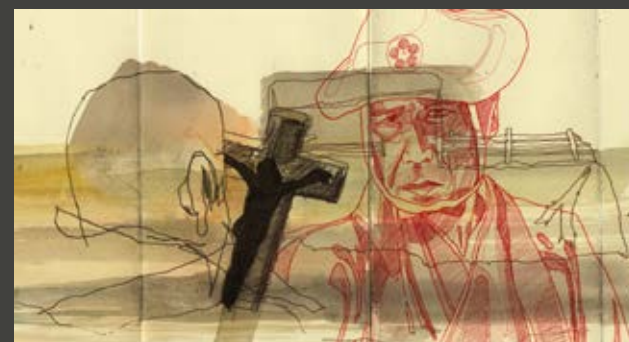
Nuno Branco, sacerdote jesuíta de 39 anos, é o autor das ilustrações que compõem a versão nacional do trailer de *Silêncio*, de Martin Scorsese. Natural de Oeiras, estudou e estagiou (em) Arquitetura, em Lisboa, mas o livro *Se Tu Soubesses o Nome de Deus*, do padre Luís Rocha e Melo, acabou por lhe mudar o rumo e a vida – Nuno Branco entrou na Companhia de Jesus e vive, hoje, na Comunidade do Noviciado, em Cernache. É o diretor do Centro Universitário Manuel da Nóbrega (CUMN), em Coimbra, onde dá assistência a jovens estudantes, faz sacramentos, orienta grupos de voluntariado, celebra missas e organiza tertúlias, passeios e peregrinações. Em 2013, juntou-se à *Urban Sketchers Portugal* – uma associação sem fins lucrativos que junta ilustradores do quotidiano –, sendo conhecido por fazer do caderno de bolso um hábito de criação artística. A Companhia de Jesus em Portugal, parceira oficial e distribuidora do filme para o mercado nacional, afinou a atenção e lançou-lhe o desafio. Depois disso, bastou a NOS propor à Paramount, e o resto é... trailer. Do rascunho ao ecrã, os passos foram tanto de inspiração como de fé – Nuno Branco partiu do livro de Shūsako Endō (de onde também partiu Scorsese) para desenhar uma história ao filme. Completado com os desenhos da artista japonesa Kumi Matsukawa, que pintou os jesuítas portugueses, o resultado roda à vista: um retrato duro e real, em linhas tão simples como sinceras.

Pelos olhos de Scorsese, caminhamos mais longe do que a História nos conta – pensamos sobre as relações entre o humano e o sagrado, num filme alheio a tendências, que conseguiu escapar à doutrina do mercado cinematográfico para dar espaço a uma saga introspectiva, inerente à reflexão sobre os trilhos da fé católica.

Com Rodrigues e Garupe, partimos em busca de uma verdade que vai muito além do paradeiro de Ferreira – percorremos uma narrativa trágica, em que se diluem as imagens de herói e vilão para dar lugar a um sentido sagrado. Sublinha-se um jogo de crenças, onde a dúvida se engrandece e violência ganha corpo – tanto nos gestos que consagram a apostasia (pisar o *fumi-e* – placa com representações católicas em relevo; cuspir na imagem sagrada) como nos métodos de tortura e execução (crucificação e fogueira) ou na pesada tensão entre presença ocidental e espaços nipónicos.

Ao longo da viagem, é – de facto – o silêncio que ganha forma: o da ausência de banda sonora, que tanto nos transporta como nos inquieta, e o que se interpõe nos diálogos de Rodrigues e Deus. Apesar de tudo, é da palavra que se faz conclusão – mesmo que a resposta (ainda) não nos pertença.

MARTA POIARES



Fama e Infâmia de um jesuíta, a propósito de um autógrafo de Cristóvão Ferreira

A. E. MAIA DO AMARAL *

Cristóvão Ferreira (ca. 1580-1650) entrou no Colégio jesuíta de Coimbra com 16 ou 17 anos, no fim do ano de 1596. Mas pouco tempo aqui passou, transferido para as novas instalações jesuítas em Lisboa, na Quinta de Campolide. Sabe-se que regressou para proferir os primeiros votos (27 dez. 1598) e que ingressou logo em Artes no Colégio de Coimbra. O seu principal biógrafo diz que foi aluno da Universidade; deve tratar-se de alguma má interpretação, porque nada se encontrou a seu respeito na documentação universitária de *Matrículas e Atos*, no Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC).

Ignora-se se, em Campolide ou em Coimbra, teve alguma preparação científica, mas sabe-se que Christoph Grienberger (1561-1636) lecionou no Colégio das Artes um curso particular de Matemática, em 1599. Ignora-se se o frequentou, mas de Coimbra levou certamente um clima excepcional que aqui se vivia: por estes anos (1593-1606), editavam-se os *Conimbricenses*, ainda se sentia a influência de Luís de Molina e o grande Mestre Francisco Suárez acabava de chegar ao Colégio.

O sonho das missões orientais começou a cumprir-se em 4 de abril de 1600, com a partida de Lisboa para Goa, na nau *S. Valentim*. Em 1 de maio de 1601, seguiu para Macau, prosseguindo os estudos no Colégio da Madre de Deus, com colegas japoneses. Passou ao Japão em 16 de maio de 1609. O seu *cursus honorum* (que mais realisticamente se chamaria um *cursus laborum*) pode abreviar-se assim: estudante em Arima, professor em Nagasaki, secretário de Mateus de Couros, tesoureiro e responsável por toda a logística em Kyūshū, depois em Osaka, acabou como Vice-Provincial do Japão, *de facto* e *de jure*, embora a nomeação (Roma, 23 dez. 1632) nunca lhe tivesse chegado à mão.

A F A M A E A I N F Â M I A

Claramente, Cristóvão Ferreira foi um dos esteios da ação missionária em tempos de perseguição. Fora do Japão, não seria tão conhecido: redigiu as *cartas ânuas* (relatórios da missão) do Japão, de 1618 (e talvez de 1619, 1626 e outras), mas nenhuma saiu impressa na Europa. Foi também redator no processo canónico dos martírios de Edo (Tóquio, 4 dez. 1623) e autor de relatórios acerca dos mártires de 1628-1630, impressos anonimamente em Roma, em 1635. Pelo manuscrito da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC), percebe-se que a letra e a narrativa são fluidas, a escrita era “obrigação de preceito”, habitual.

Foi preso com outros cristãos (jesuítas e dominicanos) em 18 de outubro de 1633, tinha 57 anos de idade e 23 anos de Japão, e apostatou após cinco ou seis horas de tortura na “fossa”. As repercussões pessoais deste gesto terão sido tremendas, imagina-se, mas as sociais e religiosas foram ainda maiores porque, como escreveu António Franco, “...esta ruína era mui notoria por ser de tal pessoa”. Abalou realmente a Cristandade.

À sua apostasia nem sequer faltaram aqueles elementos de controvérsia capazes de manterem aceso o interesse do público: porque uns garantiam que era genuína e outros que fora aparente. Facto é que Cristóvão Ferreira adotou um nome (Sawano Chuūan) e uma família japonesas e, ao serviço de Inoue Chikugo no Kami Masashige (ca. 1585-1662), inspetor-geral da campanha anticristã, persuadiu outros padres a pisarem a *fumi-e*, sem ter, contudo, denunciado ninguém. Três anos depois da captura, entregou às autoridades o *Kengiroku* (“Decepção Revelada” ou “Engano Exposto”), um tratado onde refuta a verdade do Cristianismo. O texto nunca conheceu divulgação fora dos círculos oficiais (ainda hoje não existe tradução portuguesa) e acabou proibido pela burocracia japonesa.

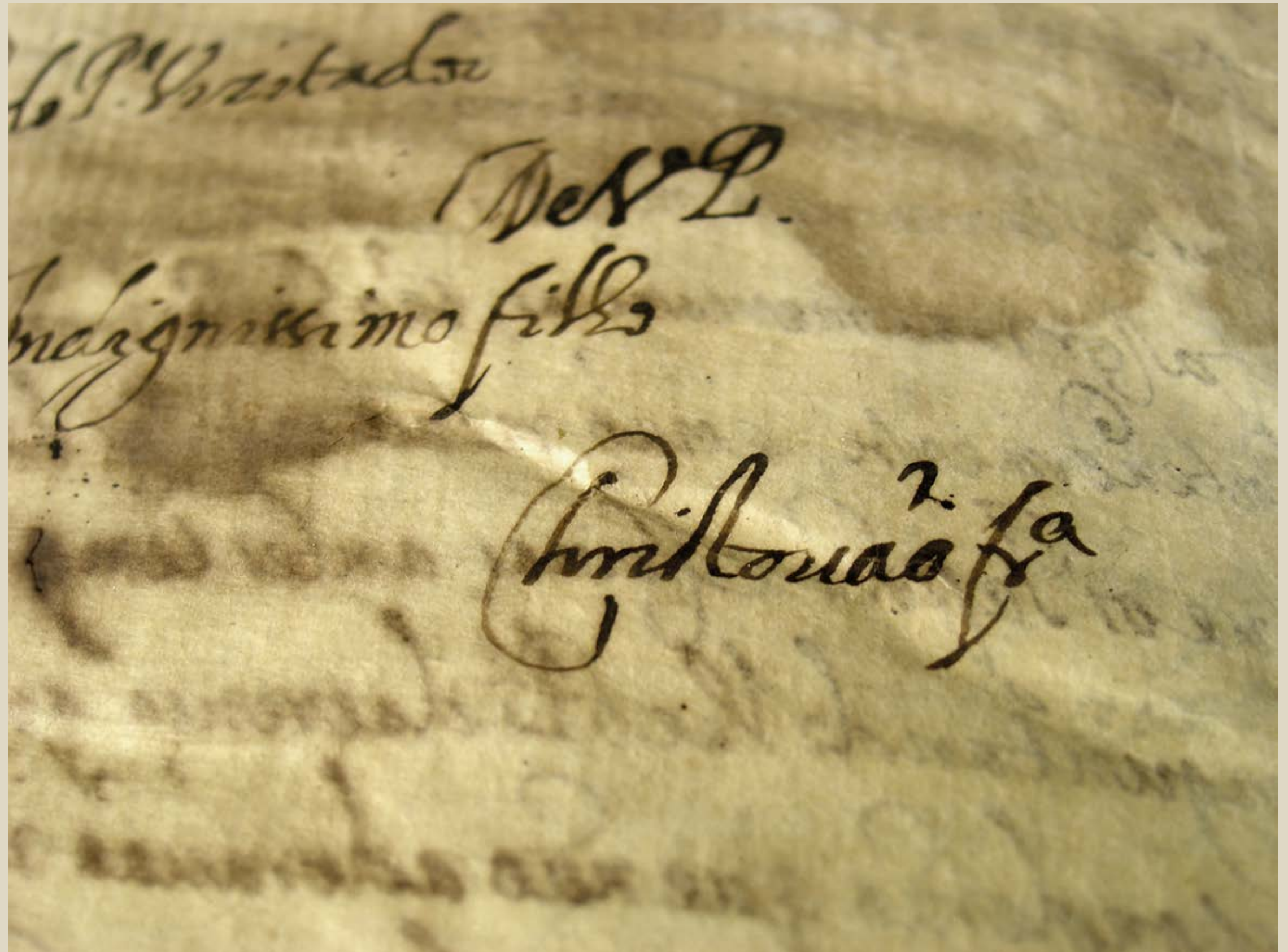
O FILME E O DOCUMENTO

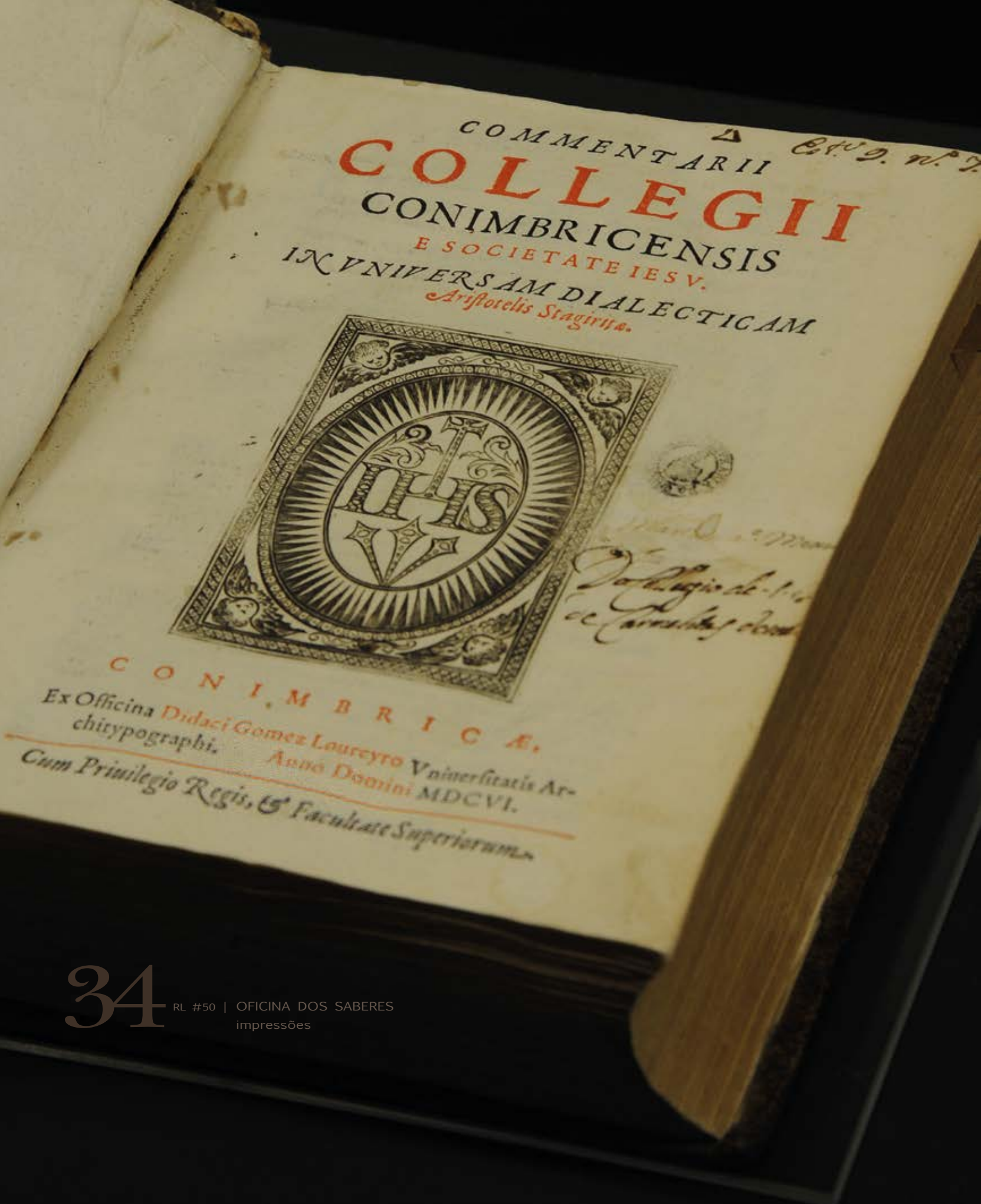
Quando se começou a falar do filme *O Silêncio*, os meios de comunicação de massas “descobriram” o Ms. 2853 da BGUC, único autógrafo de Cristóvão Ferreira em Portugal. É uma *carta ânua*, um relatório dos acontecimentos de 1618, cheio de perseguições, martírios e milagres. Está em más condições de conservação, mas existe cópia na coleção *Japonica Sinica* do AHSJ, em Roma.

Não se sabe quando o manuscrito foi adquirido. Tem colado no interior da encadernação (em belo papel japonês) um recorte de catálogo de leilão da casa *Maggs Bros* (Londres, 1921), onde figura com o n.º 338a. O Ms. 2854 da BGUC também figura no mesmo catálogo, com o n.º 338b. Podem ambos ter sido comprados nessa ocasião, mas nenhum deles é referido por Aníbal Pinto da Castro em *As cartas dos jesuítas do Japão*, de 1991. Fica-se na dúvida.

Durante “cinco semanas, falou-se, fotografou-se, tocou-se no manuscrito. Até foi ameaçado por um copo de água! Foram os cinco minutos” (à escala documental) de fama mediática. *Opinion makers* concentraram-se ou na visão cristã do romance de Shusaku Endo ou na visão americana do filme. Mas para o Japão, a importância de Ferreira foi a de ter praticado, de forma aberta e consentida, medicina ocidental (e a ter explicado em *Oranda geka shinan*) e de ter traduzido o *Kenkon Bensetsu*, o único tratado de astronomia europeia disponível no Japão, até ao final do século XVIII. Relevante foi ter-se convertido em Sawano Chuūan e, graças à sua cultura (de Coimbra), ter podido traduzir perfeitamente a Europa do seu tempo. Não representou o fim do “século cristão” do Japão; foi antes um precursor da reabertura ao Ocidente.

* Diretor Adjunto da Biblioteca Geral
da Universidade de Coimbra





O CURSO CONIMBRICENSE, A PRIMEIRA FILOSOFIA GLOCAL

MÁRIO SANTIAGO DE CARVALHO *

O catálogo de Biblioteca Católica de Beitang (na capital chinesa), publicado por Hubert Verhaeren em 1949, revelou-nos quanto a primeira grande produção editorial filosófica de Coimbra era sobejamente conhecida em geografias improváveis. De facto, os chamados *Conimbricenses*, estavam, nessa Biblioteca, assim representados: três edições da *Ethica* (1593, 1594, 1612); duas edições do *De Anima* (1598, 1617); duas edições dos *Parva naturalia* (1593, 1594); duas edições do *De coelo* (1593, 1594); duas edições dos *Meteororum* (1593, 1594); duas edições do *De generatione et corruptione* (1597, 1615); duas edições da *Physica* (1592, 1616); uma edição conjunta do *De coelo*, *Meteororum* e dos *Parva naturalia* (1603), e uma edição da *Dialectica* (1611) – esta última com anotações manuscritas do padre jesuíta português, Francisco Furtado (1589-1603). Perante esta tão inesperada revelação, impõe-se a pergunta: que faziam, afinal, os textos conimbricenses na China? E que textos eram esses?

O projeto editorial havia sido encabeçado pelo jesuíta de Proença-a-Nova, Pedro da Fonseca (1528-1599), mas foi sobretudo continuado, alargado e, de facto, publicado, graças à intervenção dos seus colegas Manuel de Góis (1543-1597), Sebastião do Couto (1567-1639), Baltasar Álvares (1560-1630) e Cosme de Magalhães (1551-1624). Falamos de uma série de comentários a algumas obras filosóficas de Aristóteles, tal como o faziam, na sua atividade letiva, todas as universidades europeias da época que se prezassem. Concretamente, diziam respeito à lógica, à filosofia natural (física, o céu, geração e corrupção,

fenómenos atmosféricos e geofísicos, biologia, psicologia), à antropologia, à ética e à própria metafísica (aqui com algumas particularidades, que teremos de omitir). Publicados entre 1592 e 1606 (nos prelos de Lisboa e de Coimbra), logo se disseminaram por toda a Europa, Américas e Oriente. Descartes estudou por eles; Leibniz conheceu-os; o jovem Locke serviu-se deles no ensino, em rigor de um deles, o volume da Dialética; e Karl Marx consultou-os para a sua tese de doutoramento em Filosofia, chegando mesmo a citá-los aí. Se em relação às Américas, compreendemos facilmente a importância dos textos de Coimbra no território brasileiro e na construção da sua cultura, sabemos que, relativamente aos Estados Unidos, o eminente Ch. Peirce leu e reconheceu a importância do volume de Sebastião do Couto (sobre a Dialética). Podendo algo parecido ter acontecido também na Índia e no Japão (regiões em que a investigação ainda não avançou muito), o facto de veras surpreendente é o de que, como começámos por dizer, o Aristóteles que chegou ao império chinês era, no fim de contas, aquele que havia sido sobretudo interpretado pelo padre jesuíta alentejano (de Portel), Manuel de Góis. Todos estes volumes – falamos de mais de três mil páginas – tinham sido concebidos (e ensinados ou testados, em parte) na Alta coimbrã, no seu Colégio de Jesus. Há neles inclusive oito referências expressas e diretas à cidade de Coimbra, e menções a intelectuais portugueses como Pedro Nunes, João de Barros, Fernão de Magalhães (*admirabilis*), Tomás Rodrigues da Veiga e Pedro da Fonseca. Ou ainda a alusão

a um efetivo espetáculo de parélis e às condições do vento do sul e do sol em Portugal, bem como a uma espantosa situação com as águas perto da cidade de Cantanhede, referências às águas termais em Óbidos e no Algarve, aos efeitos dos terremotos em Lisboa, Santarém e Almeirim, aos navegadores lusitanos e espanhóis e suas novas descobertas, à navegação de Portugal para a nova Hispânia, ou à descoberta de Diu, à experiência africana e indiana dos portugueses relativamente às marés, ou a menção a quatro rios do território português e a rios do Brasil, do Congo e de Angola.

Contudo, era da filosofia de Aristóteles de que se tratava e, por isto mesmo, aquele local transformava-se em global. Consideremos, por exemplo, o volume do que na linguagem de Aristóteles se chamava *Meteororum* (meteorologia). Versava-se aí a ciência dos fenómenos atmosféricos, ou ainda ciência da natureza dos compostos, imperfeitos – como a neve, o gelo (*glacies*), o granizo (*grando*), os cometas e os fenómenos como o arco-íris, que se dão graças à reflexão da luz – ou perfeitos não animados. Eis uma lista curiosa: meteoros luminosos (*caprae saltantes*), fogos de Santelmo (*Castor et Pollux*), via láctea (*circulus lacteus*), parélis (*parelia*), dilúvios, tufões (*Ecnephias*), maremotos (*Euripus*) e terremotos, raios, relâmpagos e trovões, tempestades marítimas (*marinus aestus*), nevoeiro, geada, nuvens, ventos, chuva, e portentos (*portenta*) de várias espécies. Também podíamos, evidentemente, abordar a importância da ciência da linguagem, a *Lógica* ou *Dialectica*, na terminologia da época. Com efeito, nada de mais radicalmente diferente do que o latim e o mandarim e, sendo certo que uma língua também pensa, ao aproximarem-se, pela curiosidade e pelo interesse, duas culturas assaz distintas, o Ocidente cristão e o Oriente confucionista não podiam deixar de interferir um com o outro, recriando-se mutuamente. Isto dá que pensar e explica o sucesso – e o insucesso (como nos casos das disparidades entre as duas propostas acerca do lugar da memória ou do número dos elementos) – de uma troca cultural a altas temperaturas, aparentemente improvável. Compreende-se o interesse chinês pela mecânica e pela balística, ambas incluídas entre os tópicos do comentário à *Física* de Aristóteles, sob o título *Xingxingzhilitui* (*Física Racional*), da autoria do jesuíta F. Verbiest na sua edição monumental intitulada *Qiongli xue* (*Estudos sobre a Fundamentação dos Princípios*, 1683). Mas, filosoficamente falando, a primeira deriva oriental de Coimbra passa por Lisboa até chegar a Macau. Do Tejo haviam zarpa-do, convivendo, orando e estudando no mesmo barco, os jesuítas italianos Francesco Sambiasi e Giulio Aleni. Juntamente com Alfonso Vagnone e Francisco Furtado, formarão o grupo dos quatro jesuítas que explicam como

um pequeno país, em crise, tendo sob a sua alçada mais de metade do mundo, pôde levar a produção editorial de Coimbra, como espelho da cultura ocidental, até à imensa curiosidade da dinastia Ming. A Aleni caberá o mérito de ter iniciado a campanha de adaptações para mandarim dos *Conimbricenses*. Ele compôs, sem o publicar, o *Xingxue cushu* (*Exposição Breve sobre os Estudos da Natureza*, 1623), com base no *De Anima* e nos *Parva Naturalia*, do nosso Góis. Após o ensino oral baseado no *De Anima* de Góis, a primeira obra aristotélica de facto publicada na China, em 1624, é o *Lingyan lishao* (*Pequeno Ensaio sobre as Matérias respeitantes à Alma*). A Vagnone coube a responsabilidade do tríptico *Kongji gezhi – De generatione et corruptione, De coelo e Meteororum –*, da *Ethica*, dos *Problemata* e do *De Coelo* (1633-37), enquanto Furtado, com o apoio de Li Zhizao (1628/36), se encarregou do *De Coelo* (*Huan you quan*) também, e da *Dialética* (*Mingli tan*). Mas já em 1616 (ou seja, apenas dez anos decorridos sobre a publicação do último volume do curso de Coimbra), num *memorandum* dirigido ao Superior Geral da S.J., Nicolas Trigault referia a necessidade de uma biblioteca para auxiliar o ensino e a tradução da Matemática, da Filosofia e da Teologia para uma cultura tão sofisticada como era a de Confúcio. Como comprova o catálogo de Beitang, que resulta da viagem de Trigault, para o estudo daquelas matérias, os *Conimbricenses*, entretanto editados nos principais prelos do centro da Europa ao ritmo impressionante de mais de um título por ano, eram o texto filosófico que naturalmente se impunha.

Referências bibliográficas:

Carvalho, M.S. de. *Psicologia e Ética no Curso Jesuíta Conimbricense*, Lisboa, 2010; trad. italiana: *Psicologia e Ética nel ‘Cursus Conimbricensis’*, Roma, 2014.

Casalini, C. *Aristotele a Coimbra. Il ‘Cursus Conimbricensis’ e l’educazione nel collegio di Arti*, Roma, 2012; trad. port.: *Aristóteles em Coimbra: o ‘Cursus Conimbricensis’ e a educação no ‘Collegium Artium’*, Coimbra, 2015.

Meynard, Th. *Aristotelian Works in Seventeenth-Century China: An Updated Survey and New Analysis Monumenta Serica: Journal of Oriental Studies* 65.1 (2017), 67-91.

* Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

A IGREJA DE JESUS.

A RETÓRICA ARTICULADA ENTRE A REFORMA CATÓLICA E A UNIVERSIDADE

MARIA DE LURDES CRAVEIRO *

As etapas construtivas da igreja inaciana de Jesus em Coimbra foram, no fundamental, sumariamente traçadas noutro artigo deste número da revista *Rua Larga*. Aqui importará compreender o sentido da instalação jesuíta que não se confinou à gestão interna dos colégios de Jesus e das Artes, também este sob a alçada da Companhia, a partir do momento (1555) em que ganhou fôlego a sua capacidade de ingerência, iniciada sobre a estrutura interna do espaço cruzio, na parte baixa da cidade. Para a Companhia de Jesus, a colagem à dinâmica da Universidade (num processo imparável a partir de 1537, também para as outras ordens religiosas) foi a bandeira que acompanhou a sua projeção espiritual e científica dirigida a uma escala planetária. Vale a pena observar de perto o frontispício da Crónica de Baltasar Teles, um dos maiores cronistas da “milícia” inaciana, publicada em 1645. A organização compositiva da gravura, disposta em simetria, apela ao sentido universal da ação evangélica da Companhia, onde não faltam as alusões à sua presença iluminada pelo sol a oriente e ocidente, em África e no Brasil; ou os meios para atingir tão destacado sucesso – as embarcações (a caravela, no pedestal à esquerda) – e o resultado – a luz divina que ilumina tal empresa (as estrelas, no pedestal à direita). Com o devido relevo e em cartelas circulares, Inácio de Loyola e Simão Rodrigues (nem mais nem menos do que o fundador do espaço jesuíta de Coimbra e responsável pelo lançamento das bases para a constituição da Província de Portugal) asseguram a eficácia do discurso e o reconhecimento de uma identidade

que se quer aqui salvaguardar. Mas o epicentro (e o mote) da composição, toda ela inscrita em clássica atmosfera, é dado pela coluna (com a inscrição do título e da autoria do livro) que tem a seus pés o escudo régio e remata na Virgem entronizada sobre a qual se reflete intenso raio de luz. A Virgem é, na realidade, a própria Companhia (com o emblema sobre o peito) que sustenta outros elementos: as açucenas (a pureza), a cruz (a ligação a Cristo) e o livro (a Sabedoria) sobre o qual escreve. A coincidência entre os atributos da Virgem/Companhia de Jesus e a iconografia da Sabedoria não é fortuita. A Sabedoria, com que a Universidade preenchia na mesma altura o seu espaço físico, a começar na Porta Férrea, encontrava justamente a sua validação no Antigo Testamento, no Livro da Sabedoria (da presumível autoria de Salomão), verdadeiro cântico à beleza da conjugação Sabedoria/Justiça/Deus, e onde a “sabedoria não entra na alma que pratica o mal, nem habita num espaço que é escravo do pecado” (*Livro da Sabedoria*, 1: 4). Como a amada no *Livro do Cântico dos Cânticos* (6: 10), “que desponta como a aurora, bela como a Lua, fulgurante como o sol” (dando também azo à iconografia da Imaculada), a Sabedoria “é mais bela que o sol e supera todas as constelações dos astros” (*Livro da Sabedoria*, 7: 29), e, ao encontro de Deus, é guiada pela Justiça: “Aprendeí, governantes de toda a Terra. Prestai atenção, vós que dominais os povos, e vos orgulhais com o grande número de súbditos. O vosso poder vem do Senhor, e o domínio vem do Altíssimo. Ele examinará as obras que praticardes e sondará as vossas intenções. No entanto, apesar de serdes ministros do seu reino, não julgastes com rectidão, não observastes a lei, nem procedestes conforme a vontade de Deus. Por isso, Ele cairá sobre vós de modo repentino e terrível, porque um julgamento implacável se realizará contra aqueles que ocupam altos cargos. Os pequenos serão perdoados com misericórdia, mas os poderosos serão examinados com rigor” (*Livro da Sabedoria*, 6: 1-6). No frontispício da Crónica de Teles, a ligação à Universidade torna-se mais explícita com a palma dos Doutores (da Igreja) sustentada por um





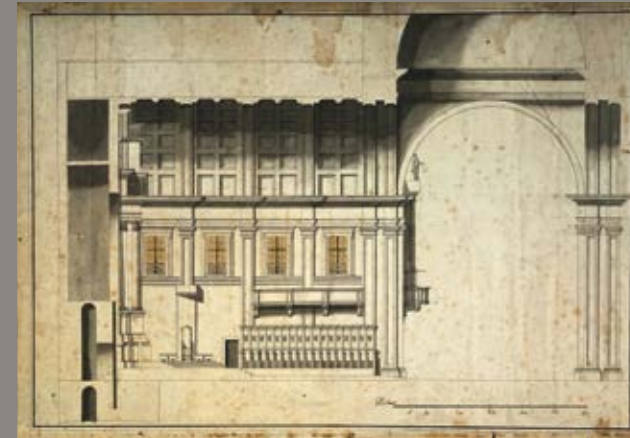
Tellez, Balthazar,
Chronica da Companhia de Iesu...,
 Lisboa, Tip. Paulo Craesbeeck, 1645:
 BGUC, VT-8-8-1

dos anjos que acompanha o séquito que coroa a Virgem/Sabedoria/Companhia de Jesus. A subtil consagração da inteligência criativa de Deus pela ação dos homens é reforçada pela utilização da ordem jónica nos elementos arquitetónicos que ordenam todo o espaço compositivo, como já preconizava Serlio, para quem o jónico deveria acompanhar os edifícios destinados “aos homens de vida quieta e sossegada”, ou seja, aos intelectuais. Não por acaso, a generalidade dos colégios universitários que se constituíram em Coimbra ao longo do século XVI pactuou com a ordem jónica.

Na ideação retabular que assim se constitui, a missão da Igreja implica e exige a vigilância sobre si própria e sobre o exterior; na proximidade calculada à Universidade, o complexo jesuítico e a igreja de Jesus assumem-se como farol da Cristandade, em processo de liderança pastoral e científica. A igreja, construída a partir do lançamento solene da primeira pedra em 1598, herda a especialidade da igreja jesuíta do Gesù (de Vignola) e a interpretação livre de Giacomo della Porta para a fachada que domina o Largo da Feira e o espaço para onde antes D. João III tinha sonhado a instalação da sua Universidade (subtraindo-a ao Paço). A proclamada contenção no usufruto lúdico do espaço interno (em adesão ao designado “estilo chão”) é, afinal, contrariada pela sobrecarga decorativa a partir da encenação montada com a máquina retabular, o azulejo, a pintura, as alfaias litúrgicas ou a sonoridade da festa e da parenética cristã que aí decorrem (foram os problemas com a acústica que decretaram a supressão das usuais tribunas superiores).

Só a força da Companhia de Jesus em Coimbra justificou o clamor da propaganda pombalina em torno das alegadas acusações aos jesuítas proscritos, mas não se esgotou a ligação à Universidade. O novo rumo político-ideológico, que desenhou o controle estatal da Educação e transformou a igreja de Jesus em nova Sé, não se atreveu a suprimir nesta a globalidade da iconografia jesuíta (à exceção do emblema da Companhia na fachada da igreja); solenizou a capela-mor (aumentando a sua profundidade para o dobro e dotando-a com novos equipamentos) e rodeou-a com os espaços da Universidade reformada e “iluminada”. A ligação física entre as duas instâncias (igreja e Universidade) fabricou-a também o Bispo e Reitor D. Francisco de Lemos, com a construção do arco que ligou a Sé ao Paço Episcopal. E, hoje como ontem, com a manutenção das cerimónias académicas, a antiga igreja de Jesus desenvolve um diálogo ativo e dinâmico com a Universidade.

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
 Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.



Corte longitudinal da capela-mor da Sé,
 José Carlos Magne (?),
 tinta da china e aguada sobre papel, c. 1781:
 MNMC, Inv. n.º 2865; DA 35



Interior da igreja da Sé Nova,
 sécs. XVII-XVIII.
 Foto Pedro Medeiros



IGNATIUS HARTOGHVELT, S.J. AS AN OBSERVER OF JESUIT LIFE IN THE COLLEGE OF COIMBRA (1655)

NOËL GOLVERS *

Of the many foreign Jesuits for China who in the 17th - 18th centuries passed by for a short time in Coimbra and its *Colégio*, only very few left their impressions on the city and the *Colégio de Jesus/das Artes*. One of them – who left a long report – completely overlooked so far – was Ignatius Hartoghvelt (°1629). He was a son of a Catholic printer in Amsterdam, educated in the Jesuit colleges of the *Provincia Flandro-Belgica* (Antwerp; Louvain). In the latter, he heard Martino Martini, the mission procurator who returning from China passed in the 1st half of 1654 through the "Spanish" Low Countries, provoking a series of vocations for the China mission; among these vocations was Hartoghveltdt, Philippe Couplet (1622), François de Rougemont (1624), and others. Arriving too late in Lisbon in April 1654 to catch up the ships of the *carreira da Índia* of that year, Hartoghvelt and Rougemont were sent to Coimbra, to learn Portuguese and to finish their theological studies. Their stay covered the period from 6 May 1655 until the spring of 1656, but the report spans only the first phase of it (until 23 May 1655). The report (7 folios), written in Dutch, in a rather difficult handwriting, was in all probability addressed to Balthasar Moretus II in Antwerp, one of the successors in the "*Officina Plantiniana*" and their protector. It describes, with humoristic tones but without much logical structure nor literary flavor the daily life in the College, in its religious, educational, material and social aspects. Many things aroused their amazement or their admiration. A repeated comparison with the simultaneous situation in the "Flemish" SJ colleges, mainly those of Brabant (Antwerp and Louvain), where life was much more "wealthy" and secular, made that they considered and appreciated the "austere" Coimbra college as a welcome preparation on the harsh life in the China mission.

Apart from a short topographical description of the college – experienced as great as a village, with all its departments, shops and a printing office – the individual rooms of the 200 fathers were characterized as similar to those of Capuchin fathers: Spartan, with a window without glass, a primitive bed, a wooden cross and a chair. The kitchen was rather monotone and basic, without roasted beef or *antipasta*; about the cloths they were rather amused.

They admired the respectful intercourse among the fathers, and the great concern for ill colleagues; only their behavior in the church, and their free shouting

during the Mass H. did not appreciate. He was surprised by the absence of religious *sodalitates*, with only one exception. Preachers were in high esteem through the entire country. Their topics they took from Spanish books, and offered nothing with regard to a "Christian way of life". His criticisms on these preaches and their excesses are remarkably parallel with those of Antonio Vieira in his *Sexagesima* Sermon III; as this antedates Hartoghvelt's arrival only with some months, he may have been inspired by this speech, from hearsay or through a written comment.

As for the intellectual life: the library was considered "bad", without further details, but this seems to be supported by similar assessments from other visiting fathers (Verbiest; Thomas), and was certainly due to the lack of a public library building.

Coimbra enjoyed always the glory of the theological courses once given by Francisco Suarez († 1617); actually there were six professors of theology (incl. Hebrew and Greek), but, acc. to Hartoghvelt the students didn't learn much, and he assumed the courses were only continued for the remuneration. Their students excelled by the volume of "shouting", their weekly *casus* were only 1/10th of what was prescribed in Leuven and were all presented in Portuguese, while Latin was excluded. Yet there was a severe examination at the end of the 4th year, which was seriously prepared, as this was the only way to get the statute of *Professus*, and a job.

Philosophy counted four Professors, with ca. 300 disciples, mostly for one half year; they dealt also only with "Spanish questions", taken from Spanish authors, in fact traditional themes from Late Scholastic philosophy. The style of the teachers was the same as those of the theology courses: i.e. developing the topics in a "cursory" way, considered the subtler as they were obscure. No wonder that, when Hartoghvelt tried to introduce some question from Cartesian philosophy in the discourse of the local professors, this was not received well, as "not subtle" enough.

All in all, this text offers us a true "window" on this milieu, from an empathic and attentive outsider: his remarks, made against the background of the *usages* in the SJ colleges of the Low Countries, reflect, among others, the in 1655 always strong "Spanish" influence in Coimbra, the weak practice of Latin, the faded glory of theology in the post-Suarez period, the rejection of "modern" philosophy (Cartesianism), some probably also due to the lack of a well furnished (up-to-date?) college library.

* Catholic University of Leuven

MANUSCRITOS JESUÍTICOS SOBREVIVEM À EXPULSÃO:

O COLÉGIO DE JESUS, UM ESCONDERIJO DE MAIS DE 250 ANOS

CARLOTA URBANO E MARGARIDA MIRANDA*



A Universidade de Coimbra (UC), outrora espaço fundacional da Companhia de Jesus, tem sido não só objeto de interesse por parte dos estudos jesuíticos em todo o mundo, como também sujeito de investigação e de valorização da herança cultural da Companhia, de que é tributária.

Na verdade, a escola jesuítica de Coimbra foi centro de irradiação cultural para todo o mundo, o que explica o interesse de investigadores dos mais variados quadrantes geográficos por esta escola. A criação do Colégio de Jesus, em 1542, deu início a uma rede de ensino que alcançou os quatro continentes. A Coimbra vinham estudar os missionários que partiam para Ocidente e para o Oriente, ao abrigo do chamado *Padroado Português*. Ainda recentemente, esse interesse foi assinalado por uma Exposição na Biblioteca Geral da Universidade (*A Conimbriga Vrbe Ad Orbem – De Coimbra Para o Mundo*), pelo Colóquio *Visto de Coimbra. O Colégio de Jesus entre Portugal e o Mundo*, e pela Exposição sobre o património cultural, científico e religioso dos jesuítas em Coimbra, no Museu da Ciência.

Recompensa inesperada deste interesse foi a descoberta de um acervo documental que permaneceu oculto durante mais de 250 anos na Igreja do Colégio de Jesus (Sé Nova). O autor desta dádiva, que nos aguardava desde 1759, foi um jesuíta. Chamava-se António de Vasconcelos e foi um dos últimos forçados a partir para o exílio pelo decreto de expulsão do Marquês de Pombal, de 3 de setembro. As obras de restauro da Sé Nova, recentemente levadas a efeito pelo Cônego Sertório Martins, fizeram com que o legado do jesuíta viesse finalmente à luz do dia.

Após o decreto pombalino, os últimos jesuítas a serem levados do Colégio foram os religiosos mais novos, em 24 de outubro de 1759. Pouco antes da sua partida, António de Vasconcelos conseguiu salvar da destruição um conjunto de documentos que considerava preciosos,

na expectativa, certamente, de que eles fossem resgatados por alguém que soubesse apreciá-los mais do que o poder persecutório instituído, ou, quem sabe, na esperança de um dia regressar. Por isso, as suas memórias pessoais e as memórias da Companhia, ameaçada de extinção, foram escondidas no lugar mais improvável: o interior de uma das colunas no lado direito do altar da Coroação e Assunção da Virgem, situado no transepto do lado do Evangelho (ou seja, à esquerda da capela-mor).

Na face posterior da coluna, a técnica de restauro foi surpreendida por uma caixa de madeira que continha um pequeno crucifixo de marfim. Nessa mesma coluna encontrava-se, ainda, um saco com um objeto cilíndrico, de pano branco muito escurecido pelo tempo. O seu interior guardava um grosso volume manuscrito e dentro dele um caderno de menor dimensão.

Examinadas as restantes colunas, a coluna da esquerda revelou ainda dois objetos: um códice enrolado, tendo no seu interior um macete de cartas atadas por um cordel onde se lê *Soli sup[er]ior[um] h[ab]it[us] h[ab]e[re] e[st] e[pi]stol[as] co[mm]u[n]i[ca]t[as]*, e uma bolsa identificada pelo nome António de Vasconcelos. Esta bolsa continha vários embrulhos de pano, cuidadosamente fechados a ponto de costura, juntamente com um último embrulho, com o mesmo formato, mas em papel, todos eles identificados com o monograma AV.

Tendo em conta o relato do P. Caeiro¹ sobre as circunstâncias em que os jesuítas viveram no Colégio de Coimbra desde fevereiro até outubro, quando os últimos foram levados para o exílio, é difícil compreender como é que o jesuíta conseguiu vencer o rigor da vigilância e ter acesso à igreja para trepar ao altar e ali esconder seu "tesouro"; ou como teria conseguido reunir e manter em sua posse um conjunto de manuscritos tão importante, como cartas dos fundadores, uma vez que o Colégio estava cercado e ocupado por forças militares desde fevereiro, encerrada a sua livraria e proibida toda e qualquer comunicação com o exterior.

Chegar ao altar lateral da Igreja sem ser notado seria algo extremamente improvável, a não ser com a cumplicidade dos guardas, como parece ter sido o caso do militar que guardava precisamente a cancela que dava acesso à igreja pelo lado do altar de Nossa Senhora².

E eis que, com este invulgar achado do século XXI, o Colégio de Jesus entra no mapa dos arquivos de fontes históricas da Companhia. A Igreja do Colégio (Sé Nova) possui agora um novo acervo documental, absolutamente inédito, que abrange documentos desde os tempos fundacionais, até ao séc. XVIII.

Ao séc. XVI pertencem cartas de Dom João III, Inácio de Loyola, Francisco Xavier, Polanco, entre outros jesuítas da primeira geração, constituindo, portanto, um núcleo documental de grande valor simbólico e histórico.

Ao séc. XVII pertence um manuscrito da *Clavis Prophetarum* do P. António Vieira. Esta cópia, até agora desconhecida, poderá trazer novidade quer à recente tradução daquela obra, publicada na *Obra Completa* do célebre jesuíta, quer à edição crítica do seu texto, a cargo de Arnaldo Espírito Santo.

É particularmente interessante um volume de *Conclusiones Theologicae* que constitui uma fonte singular para o estudo da célebre controvérsia doutrinal e filosófica do livre arbítrio, que se estendeu em Portugal ao longo de dois séculos e em que a escola jesuítica de Coimbra foi protagonista.

O fundo documental do século XVIII, espólio pessoal de P. António Vasconcelos, oferece um conjunto de fontes igualmente novas que permitirão reescrever a História da Companhia de Jesus em Portugal, bem como das circunstâncias históricas e políticas do reino que acompanharam a sua expulsão em 1759 – tanto mais que parte da documentação desta época, pertencente à Companhia de Jesus, sofreu um processo de apagamento da memória, a que o espólio deste Jesuíta sobreviveu.

Além do primeiro material, de valor afetivo, institucional e intelectual, António de Vasconcelos conservou a sua correspondência ativa e passiva. Entre os seus papéis, encontramos apontamentos em latim e em português, sobre os mais variados assuntos: a lista de teses que defendeu enquanto teólogo, em 4 de maio de 1759 no Colégio de Jesus (comprovando-se assim que os estudos prosseguiram, apesar das dificuldades do cerco); as alegações de um processo matrimonial em que o jesuíta tomou a defesa de uma jovem prima; e a correspondência trocada com familiares, amigos e religiosos, sobre os assuntos mais graves e os mais triviais da vida quotidiana do reino. Um último caderno possui valor precioso para a história das circunstâncias sociais que se viviam: *As Cousas notáveis sucedidas em Portugal desde o ano 1750 até o ano...* O título ficou em aberto porque a narrativa se encontrava *in fieri* quando o autor a abandonou para esconder os documentos, antes da indesejada partida.

Graças ao patrocínio da Fábrica da Sé, as cerca de 1000 páginas que constituem todo o *corpus* serão em breve digitalizadas e permitirão reexaminar, à luz de fontes até agora desconhecidas, a história de uma das instituições que mais marcou a vida intelectual conimbricense e europeia.

¹ *História da Expulsão da Companhia de Jesus da Província de Portugal*, trad. de J. Morais e J. Leite, revisão e notas de A. Leite, Ed. Verbo, 1995, vol III.

² Caeiro, vol. III, 157.

* Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

ANTÓNIO DE VASCONCELOS [1727-1801]

O JESUÍTA QUE ESCONDEU OS MANUSCRITOS NA IGREJA DO COLÉGIO DE COIMBRA

ANTÓNIO JÚLIO LIMPO TRIGUEIROS *

Até à descoberta dos manuscritos jesuítas no altar da Coroação da Sé Nova de Coimbra, no início deste ano de 2017, o nome de António de Vasconcelos era mais um entre os 1104 jesuítas portugueses despejados nos Estados Pontifícios, por força da lei de 3 de setembro de 1759. Essa data, em que se completava um ano sobre o atentado contra o rei D. José, foi o dia escolhido, de forma inequívoca, para a publicação da lei que expulsava os jesuítas de Portugal e do seu vasto império ultramarino ¹.

¹ Tiago Reis Miranda, *Memória por alvará: registos legais/monumentos públicos, Brotéria*, vol. 169 (agosto /setembro), 2009, pp. 135-148.

António de Vasconcelos, que no século se chamava António Mendes de Vasconcelos, nasceu em 4 de março de 1727, no lugar da Costa Barrenta, na freguesia de S. Miguel de Juncal, no concelho de Porto de Mós, então diocese de Coimbra². Foram seus pais André Mendes de Vasconcelos e Maria Heitor. Entrou no Noviciado da Companhia de Jesus em Coimbra em 9 de janeiro de 1742, com 15 anos incompletos. Encontramos um seu conterrâneo, Francisco Henriques, natural da mesma Costa Barrenta, dois anos mais velho do que António de Vasconcelos, a entrar no Noviciado uns meses mais tarde e que será, durante o exílio, igualmente destinado ao Colégio de Sezze, onde veio a falecer em 1761. No catálogo de 1749 aparece referido como estudante do 4.º ano de Filosofia no Colégio de Coimbra e avaliado como muito capaz “*bene valetudine*”. No catálogo de 1754 é referido como professor de Matemática no

Colégio do Espírito Santo, em Évora, achando-se a fazer o magistério, fase de formação que antecede os estudos de Teologia e classificado como “*optime valetudine*”. No *Status Antiquae Provinciae Lusitanae Societatis Iesu tempore persecutionis Pombalinae 13 Dec. 1758-14 Aug. 1760*, acha-se integrado na comunidade do Colégio de Coimbra.

A partir do ano de 1759, e mais concretamente após a lei de expulsão da Companhia de Jesus, de 3 de setembro desse ano, teve início uma série de medidas que visavam desmantelar o numeroso corpo constituído por aproximadamente 1564 jesuítas, tendo em conta os números fornecidos pelo catálogo mais próximo do ano da expulsão. Prisões nos temíveis cárceres de S. Julião da Barra, Almeida, Junqueira, Azeitão e Trafaria. Secularização forçada durante o cerco particularmente dirigida aos não professores, mas que arrasou mesmo alguns professores de quatro votos para a demissão da vida religiosa. Expulsão do maior número para os Estados da Igreja e deportação de um número reduzido de jesuítas para as costas africanas. Estes jesuítas pertenciam às sete províncias e vice-províncias de que se compunha

² Biblioteca Nacional de Portugal, *Catálogo dos Sogejitos; ARSI (Archivium Romanum Societatis Iesu: Lus 41 Patres ac Fratres e Lus 40b)*.

a Assistência Lusitana (Portugal, Brasil, Maranhão, Goa, Malabar, China e Japão).

António de Vasconcelos acha-se entre o grupo que foi vítima da mais massiva medida de desmantelamento da Assistência Lusitana, que foi *o embarque forçado em nove expedições* do grosso dos elementos da província e das missões. Os embarques processaram-se do seguinte modo: de 24 de outubro de 1759 a 7 de julho de 1761, aportaram em oito expedições (três de jesuítas portugueses, duas de jesuítas das duas províncias do Brasil e Maranhão, e as restantes três das Ilhas da Madeira e dos Açores, de Goa, da China e do Japão) ao porto de Civitavecchia, um total de 1036 jesuítas. A estes juntar-se-iam em 1767, uma expedição de mais 39 saídos das prisões de Lisboa, dos quais dez eram estrangeiros. Segundo o *Catalogo Generalis Assistentiae Lusitanaem* de 1767, tinha desembarcado nos territórios papais um total de 1075 jesuítas, dos quais um bom número tinha, já nesse ano, rendido a alma ao Criador em terras italianas. No entanto, o levantamento a que procedemos fez vir à luz um número ainda superior, ou seja, de 1104 jesuítas que chegaram a Itália após 1759³.

Ao longo do período que vai de 15 de fevereiro a 24 de outubro de 1759, designado por período do cerco, em que o Colégio de Coimbra bem como as restantes casas da Companhia de Jesus foram cercadas pelas tropas, António de Vasconcelos era ainda escolástico, ou seja, embora já ordenado sacerdote ainda não emitira os últimos votos. O seu nome figura na lista das 141 pessoas expulsas do Colégio de Coimbra, entre as quais se contavam os padres que ainda não tinham feito a profissão solene, os escolásticos ainda não ordenados, os estudantes de Filosofia e os de Retórica, os irmãos

coadjutores e os noviços⁴. Transferido de Coimbra para o Porto e dali para Lisboa, em 30 de novembro de 1759, foi conduzido aos navios no Tejo, juntamente com os restantes irmãos do Colégio de Coimbra e embarcado para os Estados da Igreja, aportando em Civitavecchia em 7 de fevereiro de 1760, 72 dias após a partida de Lisboa. A sua profissão solene terá lugar apenas em Itália, possivelmente já em Sezze, em 15 de agosto de 1760.

Num primeiro período, muitos dos jesuítas mais jovens foram destinados aos colégios que a Companhia tinha em Itália. Tal foi o caso de António de Vasconcelos que achamos a trabalhar no Colégio de Sezze, na província de Latina, região de Lácio, que dista de Roma uns escasos 60 quilómetros. A Companhia de Jesus possuía um colégio em Sezze desde 1589, através de uma fundação estipulada no testamento do nobre Nicoló Porci, síndico e notário em Sezze, datado de 23 de março de 1584. No Colégio de Sezze, onde em 1767 se achava António de Vasconcelos, passaram pelo menos 30 jesuítas portugueses, tendo ali falecido cinco deles, no período compreendido entre 1759 e 1773, ano da extinção da Companhia de Jesus. António de Vasconcelos, expulso de Portugal ainda jovem, com 32 anos, integrou, pois, o grupo que foi empregue no trabalho dos Colégios das províncias de Itália, e assim se manteve enquanto a Companhia de Jesus não foi extinta.

Em 21 de julho de 1773, sobrevém a supressão da Companhia e a situação dos exilados muda substancialmente. Na memória que em 1779 faz o embaixador de Portugal, D. Henrique de Meneses a Ayres de Sá e Mello, é traçado em modo genérico o panorama do estado da Assistência Lusitana *ad dispersionem*, aquando

^[1] José Caeiro, História da Expulsão da Companhia de Jesus da Província de Portugal, trad. do original latino J. Morais e J. Leite, revisão e notas de A. Leite, Editorial Verbo, 1995, vol III p. 307.

da supressão da Companhia em 1773, dando especial relevo às ocupações de carácter pedagógico que alguns exilados exerciam: “Os PP. Portuguezes ao tempo da extinção da Companhia se achavam neste Estado devididos = a saber: = a maior parte nos Hospícios de Pezaro e Urbânia = outra grande parte nos de Transtevere em Roma, e em Castelgandolfo nas Cazas do Geral e do Colégio Romano, alguns viviam empregados na Caza Professa de Roma e nos Collegios de Estado Ecclesiastico servindo nelles de Mestres, e em outros officios = outros espalhados pellas Províncias estavam ganhando a sua vida nas Parrochias, nos Seminários, nas Escolas Públicas = e hum pequeno número tinha passado a outras Religiões ou largado a Roupeta”. ⁵ Nesse ano de 1780, o número total de ex-jesuítas portugueses já é só de 522, e os grupos mais numerosos encontravam-se nos por ele designados “hospícios” de Urbânia, de Pesaro, do Trastevere, na villa Rufinella, em Frascati, em Tivoli e na Casa Professa do Gesù, em Roma.

Além destes, encontramos espalhados por diversos lugares dos Estados Pontifícios mais 132 ex-jesuítas, com grupos mais numerosos em Bolonha, Ferrara, Imola, Ravenna, Cesena, Spoleto e Ancona especialmente ocupados como mestres nos colégios que a Companhia tinha nestas cidades. Mas muitos achavam-se isolados ou aos pares em mais de 40 povoações. Dos catálogos consultados consegue reconstituir-se o tipo de ocupação que desempenha apenas um escasso número. Destes, achamos quatro mestres de Retórica, Filosofia e Teologia no Colégio de Tivoli, um reitor do Seminário em Visso, um Pároco em Ceri, um Mestre-escola em Bracciano e outro em Sellano, um, o P. Cláudio Fiúza, Arcipreste na Ilha Farnese, um Capelão no Hospital de S. Giacomo,

^[2] Negócio dos Ex-Jesuítas Portuguezes (doc. autógrafo de D. Henrique de Meneses, Conde da Ericeira), abril de 1780, AHU (Arquivo Histórico Ultramarino/Lisboa), Reino 74, doc. 2742.

um capelão do Doge de Veneza e outro Reitor na Igreja de Santo António dos Portugueses, em Roma. Muitos dos que se achavam dispersos exerceram funções de mestres-escola nos diversos povoados, e outros estariam junto de famílias nobres como preceptores e mestres. Tal foi, provavelmente, o destino de António de Vasconcelos após 1773. Nos catálogos posteriores àquela data, o seu nome figura sempre na povoação de Licenza, na mesma província de Lácio, que se situa numa região montanhosa designada por Montes Lucretinos, e conta hoje apenas com uma população de mil habitantes. Nesta recôndita povoação, achava-se como pároco, desde 1773, um seu conterrâneo e possivelmente parente, o ex-jesuíta português P. José Xavier de Vasconcelos. Localizamos ali a presença de um total de quatro jesuítas portugueses exilados que aqui morrem entre 1797 e 1801: João Monteiro (1720-1797), coadjutor temporal; Joaquim Leonardo Peixoto (1736-1799), José Xavier de Vasconcelos (1735-1799) e António de Vasconcelos (1727-1801). Terão, certamente, constituído uma pequena comunidade sobrevivente à hecatombe que se abatera sobre a ordem inaciana que, uma vez encerrados os colégios, ali se refugiou após a supressão.

O último sobrevivente deste pequeno reduto jesuítico de Licenza, António de Vasconcelos, aqui exala o último suspiro em 3 de março de 1801, contando 74 anos de idade, 40 dos quais passados no exílio.

Só uma investigação mais aprofundada junto dos arquivos comunais e paroquiais de Licenza permitirá traçar o percurso dos últimos 20 anos da vida do homem que permitiu que um importante acervo documental visse a luz do dia, mais de 200 anos após a sua morte, e cujo nome foi resgatado ao inexorável esquecimento a que se acharia votado.

^[3] * Director da Revista Brotéria Doutor em História Moderna pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

^[3] Cf. António Júlio Limpo Trigueiros, SJ e Maria Grazia Russo, I Gesuiti dell’Assistenza Lusitana esiliati in Italia (1759/1831) Pádua, CLEUP (Coop. Libreria Editrice Università di Padova), 2013.

O COLÉGIO DE JESUS

PROGRAMA, HISTÓRIA ARQUITETÓNICA E ICONOGRAFIA

RUI LOBO *

PROGRAMA

O Colégio de Jesus de Coimbra foi, segundo Francisco Rodrigues, historiador dos jesuítas portugueses, o “primeiro colégio da Companhia de Jesus”.

Como é amplamente conhecido, a Companhia de Jesus foi fundada por Inácio de Loyola (1491-1556) e por mais seis companheiros seus da Universidade de Paris, em meados da década de 1530, sendo oficialmente confirmada, em Roma, pelo Papa Paulo III, em 1540.

Portugal assumiria um papel determinante nas primeiras ações da Companhia, surgida no quadro da Contrarreforma, com a missão de defender o catolicismo na Europa e de espalhar a fé católica pelo mundo. D. João III, ouvindo falar de Loyola e dos seus companheiros por intermédio de Diogo de Gouveia, principal do colégio parisiense de Santa Bárbara, compreendeu rapidamente o alcance da nova organização. Antes mesmo da oficialização papal, enviou uma carta ao seu embaixador em Roma, D. Pedro de Mascarenhas, pedindo-lhe que recrutasse alguns desses clérigos para missionarem no ultramar. Tanto o Papa como Inácio mostraram-se recetivos ao pedido régio, anuindo no envio de dois missionários à Índia, de entre os fundadores da Companhia: foram eles Simão Rodrigues de Azevedo (1510-1579), português, e o navarro Francisco Xavier (1506-1552).

O bom exemplo de ambos na Corte foi tal, que D. João III pensou em retê-los por mais tempo em Portugal. Loyola escreveu ao Rei sugerindo que deixasse partir Xavier para a Índia, encaminhando Simão Rodrigues a fundar o colégio que o monarca pretendia estabelecer em Coimbra. E porquê Coimbra, que não era sequer uma cidade portuária? Porque era onde estava a recentemente renovada Universidade Portuguesa. Seria aí, junto desse novo bastião do catolicismo, à sombra do ensino da melhor Teologia e da melhor Gramática, Dialética e

Retórica, que se formariam os novos missionários para o mundo. Xavier partiria de Lisboa em 7 de abril de 1541, com outros dois companheiros, tendo fundado as bases do catolicismo no Oriente.

Simão Rodrigues, cujo primeiro desejo era ter seguido com Xavier, cumpriria obedientemente a sua tarefa. Chegou a Coimbra em 13 de junho de 1542, acompanhado de outros 12 “apóstolos”, onde fundou o primeiro “colégio” da Companhia numas casas da Alta da cidade, na desaparecida Rua Nova de São Sebastião, adquiridas para o efeito. Rodrigues escreveu a Inácio referindo que “la ciudad es muy sana y bien situada”, mencionando a qualidade da universidade, dos estudos e dos lentes, tanto os de Teologia como os de Artes. Nomeou como primeiro reitor o valenciano Diogo de Mirão. Em janeiro de 1544, eram já 45 os padres que habitavam as casas.

Em meados de 1545, D. João III cederia aos jesuítas o terreno que tinha preparado para o edifício da nova universidade, situado na proximidade das casas onde aqueles habitavam, para que pudessem dar início à obra do novo colégio – destinado, nada menos, que a 200 religiosos.

HISTÓRIA ARQUITETÓNICA

Em 14 de abril de 1547, foi lançada a primeira pedra do novo Colégio de Jesus. A construção prolongar-se-ia pelo seguinte par de séculos.

Houve, porém, um episódio que pôs em causa a permanência dos jesuítas na Alta – a cedência do Colégio das Artes, na rua da Sofia, à Companhia, em 1555, que levou a que os padres tomassem a decisão precipitada de concentrar as suas instalações na cidade baixa. D. João III chegou a atribuir o edifício do Colégios de Jesus (em obra) aos frades da Ordem de Cristo, mas reverteu a sua decisão, quando os jesuítas deram conta do erro, pouco antes de falecer, em 1557.

Acabou por suceder a situação inversa, que foi a transferência do Colégio das Artes para a Alta, na década seguinte, em 1566. Deste modo, teve de se preparar um projeto conjunto que incluísse a construção de um novo Colégio das Artes nos terrenos ainda disponíveis à ilharga do que já estava levantado do Colégio de Jesus (a nosso ver, o quadrante nordeste do colégio e também a igreja provisória, aberta em 1562, junto do ângulo sudeste). As aulas tiveram de se instalar provisoriamente nas casas da rua Nova de S. Sebastião, diante da ala nascente do colégio principal. Importa notar que, em Coimbra, com a separação entre os Colégios de Jesus e das Artes, se tomou uma opção diferente da que foi assumida em Évora, onde o pátio das escolas faz parte do mesmo edifício que o colégio jesuíta (que era também sede da universidade local). Essa separação revelou-se necessária, pois o Colégio das Artes era uma instituição de fundação régia que previa a residência de estudantes não jesuítas – os “porcionistas” –, que não podiam habitar no âmbito da comunidade inaciana. A primeira pedra do Colégio das Artes lançou-se em 1568, altura em que ainda se reviam as suas plantas. Em 1574, estava já definido o pátio, rodeado das paredes das salas de aulas. Estranhamente, a obra foi interrompida, retomando-se apenas (de acordo com Mário Brandão) em 1609. A inauguração solene das novas salas ocorreria pouco depois, em 1616. A colunata em redor do pátio e o primeiro andar da quadra (que acabaria por se destinar aos noviços) só seriam construídas mais tarde, estando terminados em 1656.

Nesse intervalo tinha avançado o edifício do refeitório comum aos dois colégios (onde hoje se situa o *Laboratorio Chimico*) e tinha começado a construção da majestosa igreja definitiva do Colégio de Jesus, cuja primeira pedra se lançou em 1598. A nave foi aberta ao culto em 1639, estando a fachada e as torres acabadas. Também a sacristia estaria pronta por essa data. Prosseguiria a construção da igreja com a ereção da cúpula do cruzeiro e da capela-mor, terminadas em 1698, precisamente 100 anos após o início da obra. Foi por este colégio, em contínua expansão e sempre em obras, que passaram grandes nomes da Companhia, como Manuel da Nóbrega (em 1544), o astrónomo Cristóvão Clávio (entre 1556 e 1560), ou os filósofos Pedro da Fonseca (1555-1570) e Francisco Suárez (1597-1617). Como é do conhecimento geral, em 12 de janeiro de 1759, Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro Marquês de Pombal, expediu sentenças acusatórias contra os jesuítas, no rescaldo do atentado a D. José. Em 15 de fevereiro, entravam em Coimbra tropas régias para tomarem posse dos colégios de Jesus e das Artes. Em finais desse ano, após a lei de 3 de setembro que expulsava os inacianos de Portugal, foram evacuados da cidade os últimos membros da Companhia.

ICONOGRAFIA

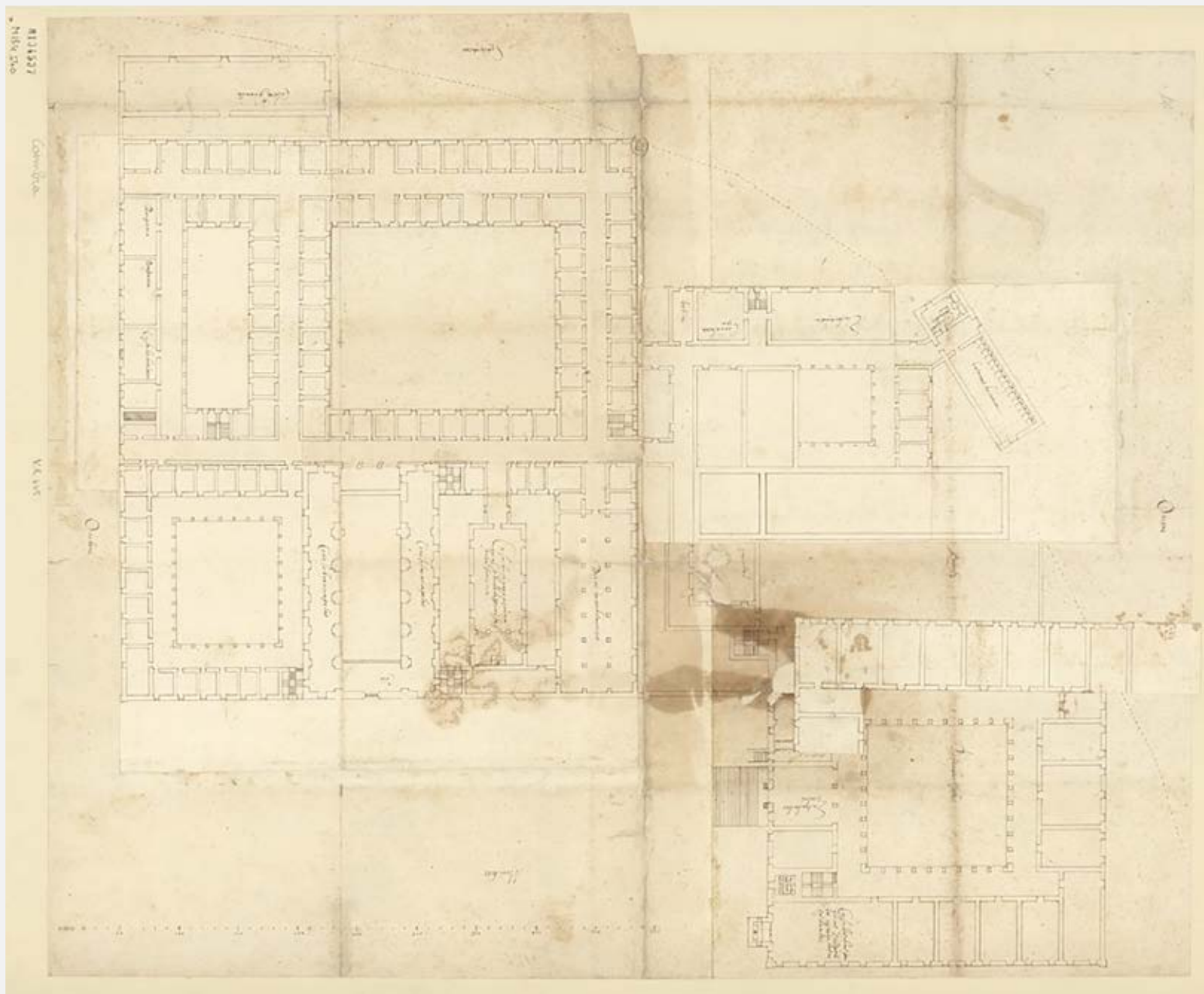
São raras as representações gráficas do Colégio de Jesus anteriores à supressão de 1759.

Do século XVI resta um par de plantas (do rés-do-chão e do primeiro andar, figs 1-2) referentes ao projeto conjunto dos Colégios de Jesus e das Artes, conservadas na *Bibliothèque National de France* em Paris, e que tivemos já ocasião de datar de 1568 ou de 1569. Percebe-se que não exibem ainda o projeto definitivo, desde logo porque o Colégio das Artes surge representado voltado para poente, para o Largo da Feira, tendo sido levantado, na realidade, com a entrada principal para sul.

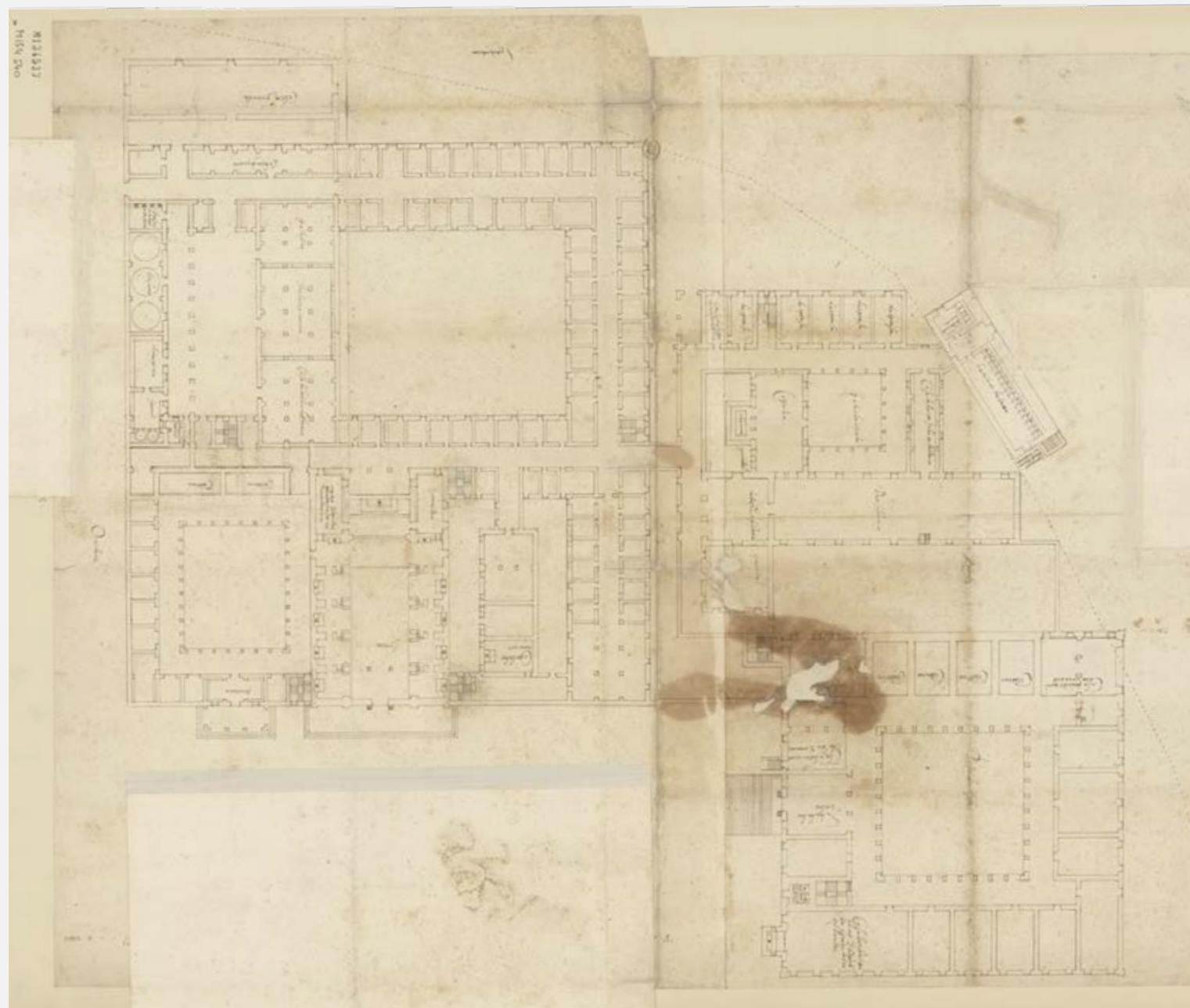
No Colégio de Jesus pode observar-se que a igreja seria também diferente da que foi efetivamente construída. A igreja proposta corresponderia ao tipo “nacional” de igreja jesuíta, conformado na igreja do Espírito Santo de Évora (1566-1574), traçada por Afonso Álvares – igreja de uma nave abobadada (em tijolo), com capelas laterais e com confessionários entre as capelas. No primeiro andar dispunha de galerias que se abriam para a nave por meio de amplas tribunas. A grande diferença para a igreja de Évora (e também para a de S. Roque em Lisboa) seria a capela-mor profunda, em prolongamento da nave e respetiva abóbada, à maneira das igrejas dos colégios conimbricenses – desde logo a igreja da Graça, na Rua da Sofia. Esse detalhe mostra a atenção dos jesuítas para com os tipos arquitetónicos locais. É muito provável que o autor do projeto conjunto fosse também Afonso Álvares, arquiteto do Cardeal D. Henrique, grande promotor das obras jesuítas.

Como se sabe, a igreja efetivamente construída, que se deve atribuir a Baltasar Álvares (sobrinho de Afonso), segue o tipo internacional da igreja jesuíta romana de *Il Gesù* (1568-1584), com planta desenhada por Vignola, que também apresenta uma nave única com capelas laterais, mas à qual se segue um cruzeiro amplo, coberto por uma cúpula (em Roma com tambor) antes da capela-mor. A mais conhecida representação do complexo jesuítico de Coimbra é seguramente a vista em voo de pássaro desenhada por Carlo Grandi em 1732, guardada na Biblioteca Nacional de Portugal (fig.3). Mostra o conjunto em data próxima do seu máximo esplendor sob os jesuítas. Inclui uma legenda valiosa, que enumera as principais valências, estruturas e espaços. No Colégio de Jesus podemos observar as entradas “comum” (principal) e “rústica” (marcadas pelos típicos alpendres suportados por colunas) e a capela de S. Francisco Borja (concluída em 1698) sobre o acesso ao refeitório. Pode observar-se que estava por concluir o pátio de entrada no colégio – última “peça” a ficar completa – à direita da igreja. O Colégio das Artes ostenta já o seu portal de entrada barroco, colocado em 1715.

Figs. 1 e 2: Projeto conjunto para os Colégios de Jesus e das Artes, 1568-1569: plantas do piso superior e térreo (cota: Vallery-Radot 445, Bibliothèque Nationale de France, Paris)



Cortesia: gallica.bnf.fr / Bibliothèque Nationale de France



Cortesia: gallica.bnf.fr / Bibliothèque Nationale de France

Fig.4: Planta do piso superior do Colégio de Jesus, 1772; fotomontagem a partir de duas peças gráficas complementares (cota: Ms 3377, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra)

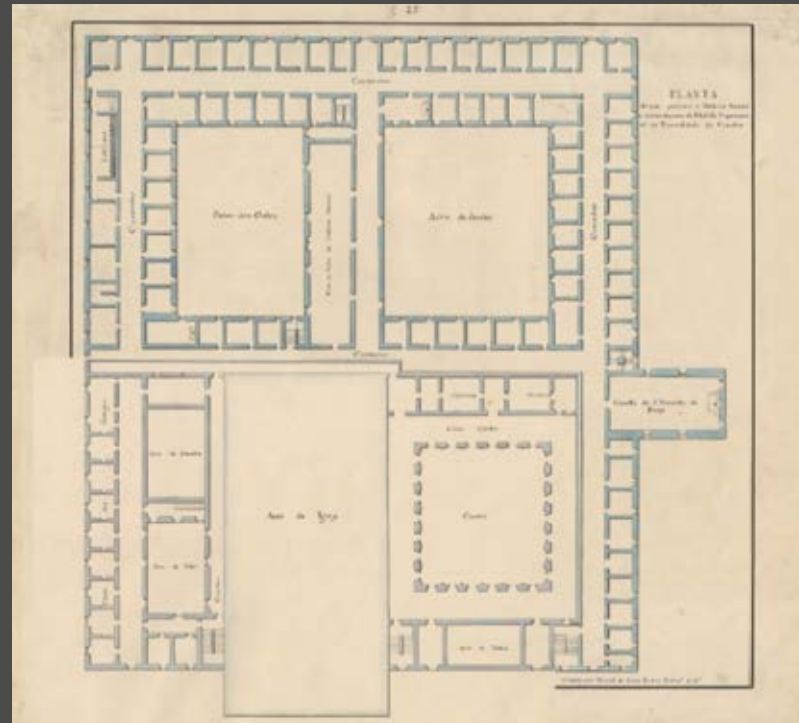


Fig.3: Colégios de Jesus e das Artes; perspectiva de Carlo Grandi, 1732 (cota: e-926-a, Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa)

Fig. 5: Planta iconográfica do Colégio que foi dos proscritos e perpetuamente exterminados Jesuitas, 1772 (cota: iconografia C.V.2.4, Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Brasil)

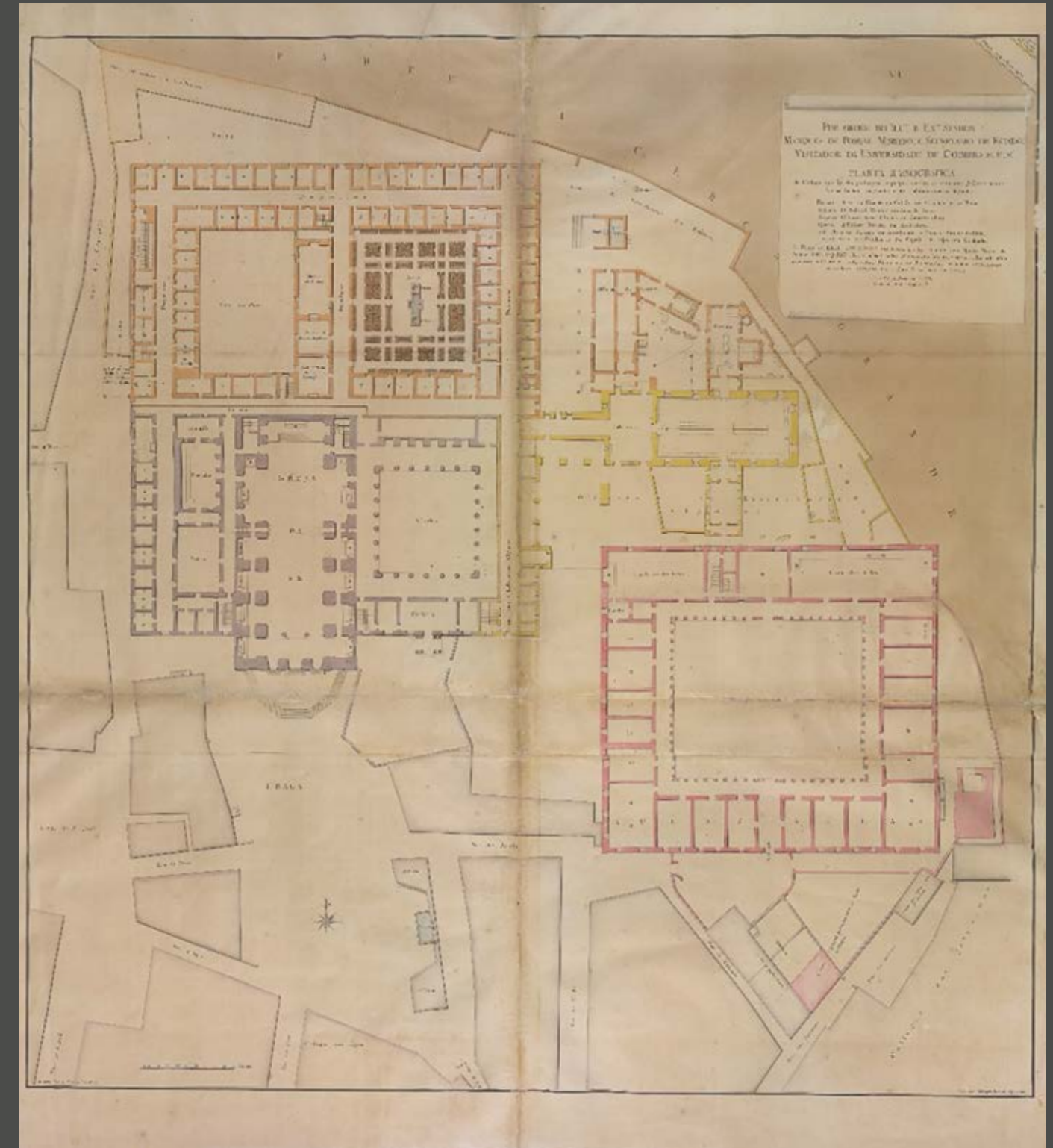




Fig. 6
Colégio de Jesus e Largo da Feira,
c.º de 1870
(foto: coleção de Alexandre Ramires)

Do período pombalino são conhecidos os levantamentos realizados pela equipa do tenente-coronel inglês Guilherme Elsdén, em setembro de 1772, quando da visita do Marquês a Coimbra para instaurar a Reforma da Universidade. Existem na Biblioteca Geral várias plantas parcelares do Colégio de Jesus, correspondentes aos sectores a atribuir ao cabido catedralício (a igreja e a área envolvente) e às dependências universitárias (a metade norte e o refeitório), pressupondo uma simples alocação dos espaços aos novos organismos. Avançar-se-ia, posteriormente, como se sabe, para uma transformação mais profunda do edifício, de forma a adaptá-lo às novas necessidades e a uma nova imagem. Deste modo, os levantamentos realizados constituem um documento imprescindível para o entendimento da organização do antigo colégio jesuíta.

O primeiro andar do Colégio de Jesus aplicava-se às dependências da História Natural e Física Experimental da nova Faculdade de Filosofia, exceto a metade sul do colégio, que se destinava ao cabido (fig.5). Podemos bem notar os dois espaços principais do andar superior, por entre a repetição sistemática das celas (ou “cubículos”) – a biblioteca (por detrás da igreja) e a já mencionada capela de S. Francisco Borja.

Do conjunto de desenhos pombalinos deve destacar-se uma notável planta térrea de todo o complexo, que inclui a envolvente urbana imediata, e que se conserva na

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (fig.6). Podemos novamente constatar a divisão setorial a que se propunha submeter todo o conjunto jesuíta pelo esquema de cores e respetiva legenda: a violeta, a igreja (transformada em “Sé Nova”) e pátio de entrada do Colégio de Jesus, destinados à diocese; a laranja, a metade norte do Colégio de Jesus, destinado ao Hospital Público e dependências da Faculdade de Medicina; a amarelo, o refeitório, destinado ao Laboratório Químico; e a vermelho, o Colégio das Artes destinado ao Real Colégio dos Nobres das Províncias.

Finalmente, no quadro dos primeiros registos fotográficos, cabe destacar a extraordinária albumina da Sé Nova e do Largo da Feira, de meados da década de 1870, resgatada por Alexandre Ramires. Mostra o terreiro onde se realizava o mercado dos estudantes e onde chegava a água do aqueduto, verdadeiro “coração” da alta universitária, onde tudo se passava sob a presença dominante dos jesuítas. À direita da igreja observamos a arquitetura neoclássica com que se revestiu a metade nascente do imóvel, em 1775. À esquerda podemos ainda vislumbrar a antiga fachada jesuítica, que seria transformada poucos anos depois, de modo a “normalizar” a metade poente do antigo colégio face à intervenção pombalina.

* Universidade de Coimbra, Departamento de Arquitectura / CES

BIBLIOGRAFIA (POR ORDEM CRONOLÓGICA):

Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, tomo I, Porto, Apostolado da Imprensa, 1931 (vol.I, pp.302-327 e.405-430).

Mário Brandão, *O Colégio das Artes*, Coimbra, Imprensa da Universidade, vol.II, 1933 (pp.293-387).

Mário Brandão, *Documentos de D. João III*, Coimbra, Universidade de Coimbra, vol. IV, 1941 (p.341).

Fausto Sanches Martins, *A arquitectura dos primeiros colégios jesuítas de Portugal: 1542-1759*.

Cronologia, artistas, espaços, tese de doutoramento, Porto, FLUP, 1994.

Rui Lobo, *Os Colégios de Jesus, das Artes e de S. Jerónimo. Evolução e transformação no espaço urbano* (1994), Coimbra, Edarq, 1999.

Alexandre Ramires, *Passado ao Espelho*, Coimbra, Museu de Física da UC, 2006 (p.58).

Maria de Lurdes Craveiro, **António Júlio Trigueiros**, *A Sé Nova de Coimbra*, Coimbra, DRCC, 2011.

Agradecemos encarecidamente à Dr.ª Maria José da Silva Fernandes, Coordenadora-Geral do Centro de Coleções e Serviços aos Leitores da Fundação Biblioteca Nacional, a cedência de uma cópia de boa qualidade da planta pombalina pertencente à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Henrique Leitão

"Se retirarmos a Companhia de Jesus da história científica portuguesa, ficamos com muito pouco para contar"

56

RL #50 | AO LARGO
entrevista



Formado em Física Teórica pela Universidade de Lisboa (UL), Henrique Leitão acabou – primeiro por gosto, depois por urgência – por se dedicar à investigação da história da ciência em Portugal. Vencedor do Prémio Pessoa 2014, pela sua “intervenção particularmente relevante e inovadora na vida (...) científica do país”, é hoje investigador principal do Centro Interuniversitário da História das Ciências e Tecnologia, e docente na Faculdade de Ciências da UL. Autor de uma vasta bibliografia especializada, tem-se dedicado, sobretudo, à investigação em história e à filosofia da ciência – no que respeita às ciências exatas, à ciência em Portugal e ao livro científico – nos séculos XV e XVII, garantindo que é impossível estudar ciência em Portugal nesse período, sem olhar com atenção para os centros de produção e de ensino da Companhia de Jesus.

MARTA POIARES

Físico teórico de formação, escolheu mais tarde as humanidades para perceber melhor a História da Ciência. Era uma inevitabilidade?

Não foi absolutamente nada planeado. Tive uma formação em Física e, posteriormente, complementei-a com muitos outros estudos, apenas por gosto – História, Filosofia e Línguas Antigas. Dez anos depois, dei-me conta de que tinha uma peculiar combinação de conhecimentos que me permitia fazer algo na História da Ciência.

Foi uma descoberta.

Sim. A partir daí, descobri também que havia ainda muito por fazer. No caso português, havia até uma certa urgência. Existia uma grande disparidade entre o que se podia observar quando se trabalhava com a documentação dos arquivos e das bibliotecas e aquilo que habitualmente estava registado no discurso histórico.

Como cientista e historiador, afirma que o Cristianismo forneceu a base para o desenvolvimento da ciência moderna. Em que sentido?

A ideia não é minha; é até bastante comum entre historiadores de ciência. Pode encontrar-se em autores tão díspares como Alfred Whitehead ou Pierre Duhem, no início do século XX, ou em historiadores eminentes dos nossos dias como Edward Grant, e muitos outros. Tem que ver com o peculiar substrato cultural do Ocidente, e de como este substrato cultural foi influente na formação daquilo a que chamamos ciência moderna. Talvez as pessoas, hoje, no Ocidente não se deem conta de quão peculiares são algumas convicções do próprio Ocidente.

Como a ideia de bondade do mundo natural?

Sim, exatamente: que a realidade material, e, portanto, o mundo natural, não é algo inferior, corrompido ou degradado. Desta forma, uma vida dedicada a estudar a natureza pode ser eticamente nobre e completa. E também a ideia de que a mente humana consegue conhecer o mundo, isto é, que o mundo é inteligível e racional. Para dizer de uma forma breve: na perspetiva cristã,

qualquer fenómeno da natureza, por mais enigmático ou surpreendente que seja, acabará por ser explicado e compreendido. É uma espécie de otimismo epistemológico, digamos assim. Estas são ideias absolutamente centrais no pensamento ocidental e, sem elas, dificilmente haveria ciência. Claro que estas ideias têm uma longa tradição, com diversas componentes, mas o facto de serem constitutivas da visão cristã acerca do mundo tornou-as fundamentais na mentalidade europeia e ocidental. É neste sentido que se fala de um substrato cultural no Ocidente que permitiu o desenvolvimento da ciência moderna, e que é muito devedor da base cristã.

O facto de as ideias base da ciência moderna terem sido disseminadas culturalmente pela Europa pelo cristianismo, ao contrário do que aconteceu na China e no mundo árabe, onde a ciência era assunto de elites, marcou uma clara distinção?

Não se pode generalizar demasiado, como é evidente, e é importante deixar bem claro que há imensos contributos científicos devidos a outras tradições científicas, como a árabe ou a chinesa. Isto é evidente, e cada vez mais confirmado pela investigação. Mas o que é interessante na Europa ocidental é que a ciência parece ter tido uma disseminação social mais ampla, parece interessar a toda a gente. Não é uma coisa de especialistas apenas. Desde muito cedo – certamente desde a Idade Média ou desde o Renascimento –, os temas do mundo natural interessaram a espectros muito largos da população. Ora isto tem certamente que ver com muitos e diversos fatores, mas também com esse tal substrato cultural que suscitou interesse pelo estudo e discussão acerca da natureza em diferentes camadas da população.

Que diferença faz ter uma ciência pujante e moderna que não seja apenas de elites, mas sim com a participação de toda a sociedade nas discussões científicas?

A Europa foi palco de debates científicos por vezes muito intensos, como se sabe, precisamente porque as questões de ciência e o discurso sobre o mundo

natural interessavam a sectores muito amplos da sociedade. Isto parece ser especialmente importante, no sentido em que o desenvolvimento científico e tecnológico parece estar ligado não só aos trabalhos muito especializados, mas também ao modo como a sociedade, como um todo, se envolve com os temas científicos.

No que diz respeito ao cristianismo como base da ciência moderna, em que medida é que os colégios jesuítas tiveram papel fulcral na investigação e divulgação da ciência em Portugal?

Não tem que ver só com ciência, mas com história da educação em geral. A rede jesuíta foi a primeira rede estável de instituições de ensino pré-universitário, através dos seus colégios, no nosso país. É claro que já existiam outras instituições, mas quando os jesuítas aparecem em Portugal, e sobretudo a partir da segunda metade do século XVI, a estrutura institucional que estabelecem é muito mais sólida do que qualquer outra. Além disso, devido à própria natureza da Companhia de Jesus, esta rede faz parte de um âmbito supranacional. A estrutura do ensino, os programas, etc., são em grande medida determinados internacionalmente, e o funcionamento dos colégios jesuítas nacionais está sob avaliação do governo central da Companhia de Jesus, através de um sistema complexo, mas bastante eficiente, de cartas, relatórios, visitas, etc.

Era um ensino mais sólido?

Com certeza. São muitos colégios, com muitos alunos, muito bem organizados e bem estruturados. Que tenha havido alguns colégios onde houve ensino científico torna o assunto interessante para a história da ciência. Mas foram muito poucos onde isso sucedeu.

Quais foram?

O Colégio de Santo Antão, em Lisboa, foi o mais importante. Depois, os colégios de Coimbra, Évora, e alguns outros, mais pontualmente, por exemplo, em Elvas.

A Aula da Esfera, dada no Colégio de Santo Antão, foi, durante cerca de 170 anos, a mais importante instituição de ensino científico em Portugal?

Sim, mas só para as ciências matemáticas. Isto é, para a matemática, a astronomia, a cosmografia, a mecânica, a ótica, a náutica, etc.

Como se explica que, ao mesmo tempo que Copérnico era condenado, em 1616, na Aula da Esfera, se discutissem teorias cosmológicas?

A *Aula da Esfera*, em Portugal, reagiu ao debate cosmológico do século XVII da mesma forma que as outras instituições da Europa católica. Até 1633 (ano da condenação de Galileu), as objeções ao heliocentrismo foram sobretudo técnicas ou filosóficas, mas a partir dessa data junta-se também um argumento de autoridade religiosa, em resultado do processo de Galileu.

E qual a importância específica da escola jesuíta de Coimbra, onde estudavam, precisamente, os missionários que partiam para Ocidente e para o Oriente, ao abrigo do chamado Padroado Português?

Além da rede de colégios em Portugal, a Companhia de Jesus era responsável por outra rede ainda mais internacional - os chamados colégios de Assistência portuguesa, ou seja, colégios jesuítas sob administração portuguesa, fora de Portugal. Por causa dessas missões extraeuropeias e da escassez de efetivos nacionais, foi muitas vezes necessário recorrer a missionários estrangeiros. Isto foi particularmente relevante sempre que foi necessário recorrer a missionários com alguns conhecimentos especializados, como, por exemplo, sucedeu na China, para onde foi necessário enviar missionários com conhecimentos de matemática e astronomia em números muito significativos. Com isto gerou-se uma circulação de missionários estrangeiros que têm de passar por Portugal. E, como tal, passam por Coimbra. Foi assim que Coimbra se tornou um ponto focal de um caminho de circulação de especialistas não-nacionais, o que é fenómeno pouco frequente na história portuguesa. Não temos muito mais exemplos de circulação de alunos e professores estrangeiros, competentes em matérias científicas. Estes homens trazem consigo livros, textos, instrumentos, ideias, etc, dos seus centros de formação originais, na Europa. Alguns missionários já sabiam um pouco de matemática, mas para serem enviados para o Extremo Oriente ficavam uns anos em Coimbra para aperfeiçoarem os seus conhecimentos.

O que alterou o facto de o Colégio de Jesus e sua rede de ensino terem sido alargados aos quatro continentes?

Alterou muita coisa. Por causa deste contexto institucional muito peculiar, Coimbra viu-se inscrita num âmbito muito vasto e muito internacional. O resultado foi muito interessante. Coimbra teve no século XVI aquilo que todas as universidades ambicionam e que raramente têm: atraiu alguns dos melhores alunos e professores, e produziu alguns dos textos mais influentes.

Como o *Curso Conimbricense*?

Exato. Foi um texto muito influente, usado em toda a Europa, o que é muito pouco habitual na produção académica nacional. A disseminação do *Curso Conimbricense* passou muito além dos limites da Europa católica, mas teria sido impossível sem a infraestrutura institucional da Companhia de Jesus. O mesmo aconteceu com outras obras de jesuítas portugueses. Mas não foram só os textos que beneficiaram desta rede, foi também a circulação de professores e alunos estrangeiros. Assim se explica que professores tão famosos como Francisco Suárez, ou alunos tão talentosos como Cristóvão Clávio, que veio a ser um matemático muito importante na Europa, tenham as suas vidas intelectuais ligadas a Coimbra. Estes três parâmetros – professores famosos, os melhores alunos, os textos mais influentes –, que sempre usamos para avaliar uma grande instituição académica, observam-se em Coimbra no século XVI. E tenho algumas dúvidas que se tenham voltado a observar, de modo comparável, noutra época histórica.

E em que medida é que mudou o rumo de Coimbra, como polo de ensino e conhecimento ainda hoje em dia?

Em grande parte, é responsável pela sua fama internacional. É um prestígio que se prolonga até hoje. O nome que está associado a Coimbra como instituição académica tem que ver com a longa história da universidade, mas sobretudo, parece-me a mim, com a história do século XVI e XVII, ou seja, com o período jesuíta. É claro que os jesuítas não eram a universidade, mas há um período onde a sua presença, através destes colégios preparatórios e de artes, foi tão importante que envolveu todo o nome da universidade e lhe dá parte da fama que tem hoje.

Os jesuítas fazem votos de obediência total à doutrina da Igreja Católica. Uma visão tão absoluta quanto esta não torna as conclusões enviesadas, no que diz respeito ao ensino da ciência?

Há sempre esse perigo, claro. Mas esse perigo existe sempre. Hoje em dia, o ensino secundário procura tornar os alunos em bons cidadãos, responsáveis e cumpridores – isso não corre o risco de enviesar o ensino? Claro que corre. Determina algumas coisas: escolhem-se algumas matérias em detrimento de outras; os assuntos são dados de uma maneira e não de outra, etc. ... Mas isso é normal. Não há nenhuma instituição – nem hoje nem nunca – que não imponha limites, definições ou moldes ao que ensina.

Que impacto teve, então, o decreto pombalino e a expulsão dos jesuítas de Portugal, no ensino?

A figura de Marquês de Pombal é uma figura muito complexa – e é o que a torna fascinante. Qualquer coisa que se diga em poucas linhas será sempre um pouco simplista. Por um lado, não há quem não reconheça um intuito modernizador em Pombal – isto vê-se bem nos textos, nas leis, nos programas, e mesmo na estrutura que dá às novas instituições de ensino (por exemplo na reforma da universidade). Mas por outro lado, as suas ações tiveram consequências, talvez não diretamente desejadas, que foram desastrosas para o ensino. E é este o aspeto paradoxal sob o qual precisa de ser analisado. Ao expulsar os jesuítas, terminou com a maior e melhor rede de ensino secundário do país na altura. Estima-se que envolveria 20 mil alunos. Estes alunos ficaram praticamente sem escolas, e durante muitas décadas não se alcançaram novamente estes números.

É a história de um desastre?

Bem, podemos discutir se é a palavra mais ajustada, mas parece-me que sim, embora também reconheça que convinha estudar a questão com mais cuidado. Rómulo de Carvalho fala de um “vazio quase total” de atividades pedagógicas após a expulsão dos jesuítas. Dou apenas um exemplo: o colégio Santo Antão tinha cerca de dois mil alunos; foi a grande instituição educativa em Lisboa durante quase dois séculos. Pombal fechou este colégio e abriu, em seu lugar, o conhecido Colégio dos Nobres, que tinha apenas umas poucas dezenas de alunos. É uma diminuição impressionante. Mesmo em contexto universitário, a redução do número de alunos

foi muito drástica. Tudo isto ocorre a meio do século XVIII, precisamente quando muitos países europeus estão a começar grandes programas de alargamento e de universalização de ensino. Ou seja, em assuntos de educação, na segunda metade do século XVIII, Portugal fica totalmente em contra-pé em relação ao resto da europa. Parece-me que é muito difícil perceber o resto da história cultural portuguesa sem levar em conta estes acontecimentos dramáticos.

E que impacto teve na investigação científica?

Falando apenas das ciências matemáticas: o encerramento da *Aula da Esfera* nunca foi colmatado com nada comparável, sobretudo na internacionalização. A produção científica portuguesa tornou-se muito mais regional.

As descobertas que tem feito ao observar este período mostram que o seu estudo era, de facto, premente.

Cingindo-me à área que estudo – os assuntos científicos –, estes eram capítulos da história intelectual portuguesa que estavam muito esquecidos, apesar de ser tudo muito inovador e peculiar. Há, claramente, um período jesuíta na história científica portuguesa. E, se é verdade que a Companhia de Jesus impunha delimitações doutrinais a determinadas matérias, por outra parte, contrariamente ao que por vezes se afirma, foi um período de grande circulação de ideias e de pessoas.

Como por exemplo?

Por exemplo, as descobertas de Galileu, que foram tão importantes. As ideias de Galileu só chegam a Portugal através de canais jesuítas e, no nosso país, os sítios onde se discutiram essas novidades – as observações telescópicas e os grandes debates sobre o sistema do mundo – são todos no mundo jesuíta. Os responsáveis pela introdução das mais sensacionais ideias de Galileu em Portugal, pelas primeiras observações telescópicas, pela construção de telescópios no nosso país, por textos e aulas sobre estes temas – homens como Dias, Lembo, Gall, Borri, Costa, Delgado, etc. – são todos jesuítas. O que é difícil encontrar em Portugal no período crítico da primeira metade do século XVII são discussões ou aulas sobre as novidades da ciência moderna que ocorram fora da Companhia de Jesus. Cingindo-me aos temas que estudo diretamente, pode dizer-se que quase todos os temas que costumamos associar à ciência moderna do século XVII chegaram a Portugal através de canais jesuítas: os logaritmos – uma técnica matemática muito importante – aparecem em Portugal, pela primeira vez, em colégios jesuítas; há muitos avanços em cartografia e em instrumentação científica que aparecem em Portugal em colégios jesuítas; os estudos de mecânica, que foram tão importantes no século XVII, só se descobrem documentados em escolas jesuítas; variadíssimos tópicos de astronomia, quer de observação, quer de cálculo, parecem só ter sido discutidos em ambiente jesuíta, nos séculos XVI, XVII e primeira metade do século XVIII. No século XVIII as ideias de Newton, quer relativas á mecânica, quer à gravitação, também circulam em canais jesuítas. No caso português, a

Companhia de Jesus possibilitou fenómenos de transmissão, de ensino e de prática científica que foram cruciais. Se retirarmos esta instituição da história científica portuguesa, ficamos com muito pouco para contar.

Mas há quem a retire.

Sim, boa parte da historiografia do século XIX e das primeiras décadas do século XX, deste ponto de vista, foi muito infeliz. Pintou nas piores cores a Companhia de Jesus, a tal ponto que desviou da atenção dos historiadores para o interesse que essa instituição tinha para a história científica. Hoje lemos algumas coisas que foram escritas nos finais do século XIX, e lamentamos como certas posições ideológicas determinaram de maneira tão drástica o trabalho histórico. No caso da história da ciência isso foi dramático, porque retirou de cena aspetos centrais do nosso passado científico, atrasando muito o nosso conhecimento.

Como se mudou esse rumo?

Começou por mudar internacionalmente, não foi cá. Nos anos 70/80, muitos historiadores de ciência, na Europa e não só, começaram a repensar o papel das instituições jesuítas na história científica. É impossível identificar um historiador como tendo sido único ou até o principal, mas penso que os estudos de William Wallace sobre a relação de Galileu com o colégio romano, dos jesuítas, foram de grande impacto. Rapidamente surgiram muitos outros estudos, que progressivamente revelaram aspetos históricos muito interessantes. Este movimento internacional de vários historiadores de ciência inevitavelmente interessou também historiadores portugueses, e hoje em dia são vários os que se dedicam a este tipo de temas.

Foi isso que o levou a querer estudar esse período?

Eu não tinha um interesse particular pela Companhia de Jesus, mas tinha por astronomia e matemática. O que aconteceu foi que se tornou inevitável estudar ciência em Portugal nos séculos XVI a XVIII sem olhar com atenção para os centros de produção e de ensino jesuíta. Sou um exemplo acabado do velho *dictum* do grande historiador de ciência George Sarton, quando dizia, já há muitas décadas, que era impossível estudar a matemática na Europa sem se toparem com um jesuíta em cada canto...

Começou pelo estudo de Pedro Nunes?

Sim, foi e ainda é o meu interesse principal, e estava muito por fazer. Quando se estuda os processos de disseminação da sua obra, chega-se rapidamente aos jesuítas. Interessava-me saber quem o citava, quem o ensinava, quem é que trabalhava com os seus textos ou continuava os seus estudos, e rapidamente verifiquei o grande número de matemáticos jesuítas envolvidos em tudo isto. Boa parte da fama europeia de Pedro Nunes deve-se ao facto de a Companhia de Jesus ter usado os seus livros em algumas das suas escolas. Em parte por causa da admiração que Clávio tem por ele; os matemáticos jesuítas mostram sempre também um grande respeito por Nunes.

Depois de Pedro Nunes, que mais caminhos percorreu?

A edição das obras de Pedro Nunes está terminada, no sentido de que estão publicados, em edição moderna, todos os seus textos impressos. É uma publicação da Fundação Calouste Gulbenkian e Academia das Ciências de Lisboa. Estamos agora a trabalhar nos manuscritos e na documentação biográfica. É uma equipa de pessoas, chefiada por Fernando Dias Agudo, com vários colegas de Lisboa, mas também com João Filipe Queiró, da UC. Além de Pedro Nunes, estou sempre interessado em estudar documentação científica original, e em levar a cabo o trabalho textual de edição de trabalhos científicos portugueses. Neste momento, sozinho ou com outros colegas, estou a editar alguns textos matemáticos do século XVI. Estou também a trabalhar com documentação sobre a reforma do calendário em Portugal no século XVI – são textos às vezes muito técnicos, mas de grande importância. Nos últimos anos tenho-me dedicado também a assuntos de cartografia, trabalhando com um colega, Joaquim Alves Gaspar.

Começou em 2002, no Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia e do Departamento de História e Filosofia das Ciências. O que mudou em 15 anos?

Mudou muito, de facto. Na Faculdade de Ciências, trabalhando em especial com Ana Simões, foi possível criar um programa de Mestrado em História e Filosofia da Ciência, depois um programa de Doutoramento; há poucos anos criou-se um Departamento. Entretanto formaram-se grupos de investigadores, projetos, ligações internacionais; criou-se um Centro de História da Ciência que depois se juntou ao congénere da Universidade Nova, e é hoje o CIUHCT. Nada disto existia há 15 anos. Um aluno que se interessasse por história da ciência tem, hoje em dia, programas de aprendizagem e um apoio institucional imprescindível há pouco mais de uma década.

Diz que quando olha para o passado para tentar entendê-lo, vê coisas que talvez gostasse de transpor para o presente.

A história nunca se repete. Não podemos trazer o passado para o presente. Mas há algumas coisas que talvez possamos aprender. No caso da história portuguesa, há alguns aspetos da história científica que merecem ser conhecidos e sobre os quais vale a pena refletir um pouco. Por exemplo, parece-me que muitas vezes que o aspeto organizativo das instituições científicas portuguesas desempenhou – para o bem e para o mal, digamos assim – um papel muito mais decisivo do que aquilo que se pensa. Por isso, além dos conteúdos científicos específicos, tento também estudar a organização dessas instituições. Em parte, porque acho que devemos mudar o modo como as nossas instituições científicas estão organizadas hoje.

Estudar a história da ciência pode mudar o presente?

Acho que não. Mas talvez o ilumine, talvez acrescente ao nosso entendimento do que está a acontecer.

Nesse caso particular, é também uma lição que se pode tirar desse momento de presença jesuítica em Portugal?

É um bom exemplo. Parte do sucesso da Companhia de Jesus tem que ver com aspetos institucionais e organizativos. Demorava muito tempo a explicar em pormenor, mas o funcionamento de um colégio jesuíta era muito regulamentado e avaliado. Por outro lado, há também uma espécie de resiliência naquele sistema de ensino, que é muito interessante. Qualquer instituição de ensino está sempre sobre uma pressão muito considerável – financeira, política, social, etc. – e a capacidade de resistir a estes estrangimentos afeta sempre o seu futuro. E depois há, claramente, um certo cultivo do rigor. Pode não ter sido bem feito, mas há, como diríamos com linguagem atual, um desejo de uma excelência educativa e até de alguma experimentação pedagógica. E, finalmente, há um contexto internacional – uma escola da Companhia de Jesus, em Portugal, no século XVII, não era uma escola completamente encerrada nos limites nacionais. É certo que houve sempre muitas variações locais, mas, em certa medida, os programas, os professores e o tipo de vida que se levava num colégio eram aferidos por critérios internacionais. Por exemplo – falando apenas de assuntos científicos –, há queixas frequentes de que o ensino das ciências tem de melhorar e, em alguns momentos específicos, Roma fez intervenções diretas no modo como a Matemática estava a ser ensinada nos colégios portugueses, para elevar o nível. Poderemos aprender algo com tudo isto? Talvez. Talvez seja importante ter presentes estas razões e estes exemplos históricos.



MISSÃO CUMPRIDA

MARTA POIARES

De uma forma ou de outra, a Igreja sempre marcou presença na vida de João Maria Fonseca. Estudou sempre em colégios católicos: primeiro no Externato Menino Jesus, onde também frequentou a catequese, e depois no Rainha Santa Isabel, onde ficou até ao 12.º ano. Quis depois seguir Economia, uma área que lhe suscitava interesse, mas o desvio interpôs-se nos dias: em 2013, João descobriu que tinha leucemia e acabou por ter de ficar dois anos em tratamentos. Do mau se fez futuro e João acabou por mudar o rumo para mais perto do que queria: “Surgiu outra oportunidade de fazer o exame de Biologia e aproveitei para mudar para Fisioterapia – é uma área de que gosto, sobretudo na sua faceta desportiva (jogava rãguebi), e é também um seguir de passos do meu pai, que também é fisioterapeuta.”

No entanto, foi precisamente na altura dos tratamentos que João acabou por se afastar da Igreja – como praticante e como crente. Garante não ter deixado de acreditar, mas admite ter começado a questionar: “Estranhei. Tinha um estilo de vida saudável, era desportista, tinha uma alimentação regrada... Fui questionando sempre a Deus, até que um dia deixei de questionar. Afastei-me de vez.”

O apoio dos amigos e da família ajudaram-no a continuar. Um ano depois de acabar os tratamentos, quis voltar a aproximar-se. Num domingo como outro qualquer, foi à missa, e voltou a acreditar: “Foi das melhores sensações que tive.”

Foi assim, também, que se aproximou ao Centro Universitário Manuel da Nóbrega (CUMN), através do qual faz voluntariado. É aqui que surge, na sua vida, a *Missão País* – um projeto católico que organiza e desenvolve missões universitárias, que se traduzem em semanas de apostolado e de ação social

intensivos. “Tinha amigos que já frequentavam o CUMN e que me convidaram para ir fazer missão este ano, em fevereiro.”, conta. Um projeto que já queria ter concretizado, mas que os tratamentos haviam impedido. Este ano, aos 22 anos, deu-se então início à aventura. Cada missão conta com cerca de 50 pessoas e tem a duração de três anos num local escolhido por “carência de fé”. Dividem-se por valências – “uns vão para lares, outros ficam responsáveis por organizar uma peça de teatro, outros visitam escolas...” –, sempre com a vertente católica bem presente (missa e terço diários fazem parte), e oito ocupam lugar de chefia, seja geral, de oração, de teatro ou de serviço. João foi, este ano, convidado para chefe-geral, mas a confiança ainda não o vê desta forma: “Devem ter visto alguma coisa que ainda não vejo em mim... Não me vejo como líder. Sou um pouco tímido e fechado, por vezes.”

Para João, é cada vez mais importante inspirar outras pessoas a seguirem estes passos, sobretudo em âmbito universitário: “Na universidade, talvez pela carga horária, esquecemos essa parte de nos entregarmos ao outro, de ajudar, de querer fazer um bocadinho mais pelos outros. A missão é essa concretização – durante uma semana, saímos da nossa rotina diária de aulas e estamos ali todas para o mesmo.” E incentiva mesmo quem não crê: “Mesmo quem não esteja ligado à fé católica, pode participar. Importante é arranjar tempo para fazer voluntariado – e esta é uma boa oportunidade. Um sorriso nos lábios e um sentimento de missão cumprida são garantidos [risos].”

Entre aulas, desporto e voluntariado, João não tem problemas em conseguir conciliar tudo, sublinhando que é uma questão de organização. Na bagagem de força

JOÃO MARIA
FONSECA



para a rotina, leva a inspiração de quem faz um (bom) caminho de fé: “Inspiro-me nas pessoas que me têm acompanhado – como o Padre Nuno, responsável pelo CUMN –, nas histórias que os meus amigos me contam de todo o percurso que fizeram no Centro e, claro, em Deus. Tenho-me agarrado muito mais à minha fé e a Deus, e a tudo o que estes me têm vindo a ensinar.”

É essa fé, também, que lhe traz de volta a serenidade, a vontade de fazer mais e de se entregar aos outros: “A minha vida com Deus é muito mais serena. Tomo as minhas decisões com muito mais discernimento. É uma tranquilidade interior que antes não tinha.”

A vinda do Papa, este ano, foi importante também para essa tranquilidade: “Além de ser sempre uma referência, é um exemplo de justiça. Foi uma força para continuarmos a acreditar e a querer também ajudar.”

No futuro, a principal missão é tão simples quanto cumprir expectativas – as dele e as de quem olha por ele. “Para já, quero acabar o curso. É o mais importante. E depois tentar estar à altura de todos os projetos para que fui convidado este ano.” Apesar de não se ver como líder, João Maria foi convidado para coordenar, juntamente com mais quatro pessoas, um grupo de voluntariado do CUMN, o *FAZ+*, e ainda para ser treinador de rãguebi: “É um projeto que vai dar algum trabalho, mas vai dar-me muito gosto. Quero, sobretudo, mostrar que estou à altura, para não me desiludir e para não desapontar quem confia em mim.”

Em relação ao mundo de hoje, João não tem quaisquer dúvidas – este precisa, mais do que nunca, da Igreja: “Pelo menos de pessoas parecidas a quem nos representa na Igreja: serenas e com um coração limpo.”

MAFALDA ESTEVES

Mafalda Esteves, 21 anos, sempre se moveu no mundo da fé. Oriunda de uma família católica, acompanhou os pais na rotina da missa, tendo andado na catequese e estudado quase sempre em colégios: primeiro no Colégio de São José, depois no Colégio de São Teotónio. No entanto, conta que o que mais a aproximou da Igreja foram os campos de férias de verão, da CAMTIL, uma associação que conta com o apoio da Companhia de Jesus e que assenta em quatro pilares: Deus, Amizade, Natureza e Serviço. “Comecei com nove anos. Primeiro, fui um bocadinho a medo. Mas rapidamente se tornou o ponto

alto do meu ano – os campos do CAMTIL eram a melhor coisa que me acontecia.” À diversão e às amizades que ali se construía, Mafalda sublinha o impacto do serviço e da espiritualidade inaciana em si própria: “Fazia sentir-me bem, fazia sentir-me útil. Hoje, sou eu que também animo estes campos, no verão. Sinto que é a minha vez de retribuir.”

Na verdade, esta não era a única experiência viva que Mafalda tinha para estar (ainda) mais perto da vida cristã. Ao longo do ano, participava nos GVX (Grupos de Vida Cristã) – espaços de partilha e de formação na fé, na espiritualidade, humana, no autoconhecimento e na maturidade, destinados a jovens: “Entrei no 7.º ano e tinha reuniões de 15 em 15 dias, para falar sobre o nosso papel enquanto jovens na Igreja, sobre a nossa postura em casa, na escola...

Era um espaço para pensar um pouco sobre tudo isto.” Anos depois, é Mafalda que coordena o GVX, em Coimbra. No momento de escolher curso e universidade, ficar em Coimbra foi mais do que uma opção, uma certeza – além de aí ter crescido, foi também aí que os seus pais se conheceram, estudaram e cumpriram a tradição académica. Seguir esses passos tornou-se, aliás, um objetivo (e até um sonho): “Fiquei em Coimbra um pouco para poder aproveitar o espírito académico conimbricense, que sempre me fascinou. No ano passado, fui no carro e fiz a minha caricatura – foi quase como realizar um sonho.”

Já a Psicologia surge num cruzar de vocação com uma espécie de missão – Mafalda sabia, apenas, que gostava de ajudar. “Quando estava a tentar perceber o que queria fazer, percebi que gostava muito de lidar com pessoas de uma forma mais pessoal. Acabei por optar por Psicologia, porque achei que era a melhor maneira de ajudar de uma forma também profissional.”, explica.

Quando lhe perguntam como é a presença de Deus na sua vida, Mafalda não trava a língua: “É um incentivo para ser melhor. Para agradecer as coisas que tenho, ser útil onde posso ser, perceber qual a minha postura naquilo em que me envolvo.” Se é presença permanente? “Sim. Recorro muitas vezes a Deus. Quando mais preciso, quando vou mais abaixo, é Deus que não me deixa cair.”

Por ser presença assídua – e quase certa na sua vida –, a fé foi inevitavelmente questionada por Mafalda: “Chegamos a uma fase em que perguntamos: porque continuo a fazer isto? É um hábito ou acredito nisto?”. Para si, esta é mesmo uma fase essencial da crença: “Acredito que só questionando é que conseguimos fundamentar aquilo em que acreditamos.”

Ligada ao Centro Universitário Manuel da Nóbrega (CUMN), centro universitário católico, orientado por padres jesuítas e aberto a todos os estudantes universitários de Coimbra, integra, hoje, a Missão País, da qual vai ser também chefe-geral. Começou por se inscrever numa missão como voluntária, quando estava no segundo ano da faculdade, e passava os dias com alunos do ensino secundário. Este projeto foi muito além do que a ação social explica: “Mexeu muito comigo, porque foi também uma missão pessoal, no sentido de desenvolvimento católico, das nossas orações, da missa, do terço, e mesmo entre nós, missionários e universitários. É uma boa forma de ser e viver a fé em grupo.” Um ano depois, inscreveu-se de novo, tendo ficado, desta feita, no grupo de teatro: “Foi uma missão diferente, porque quem está no teatro não está diretamente com a comunidade, mas oferece algo à comunidade.

Missões como a Missão País são, para Mafalda, essenciais nos dias de hoje, onde o altruísmo escasseia e o egoísmo – ou até a vaidade – têm um papel de glória: “A nossa geração está muito focada na imagem que passa, no número de gostos no Facebook e no Instagram. É preciso mais do que isso. É preciso fazer coisas sem ninguém saber, só porque personalizam o bem. Uma boa ação é aquela que não se diz, a que

se faz sem esperar nada em retorno. Como disse Francisco Sales - ‘O bem não faz barulho, e o barulho não faz bem.’” No dia a dia, em contexto não católico, Mafalda admite que é difícil lembrar-se que é missionária, mas veste os seus princípios: “Não vou para a faculdade evangelizar ninguém, mas a postura que tenho é suficiente para tocar alguém, para ser exemplo da nossa fé. Não preciso de estar lá com uma Bíblia na mão – aliás, ninguém precisa de saber que eu sou católica.”

É por isso que, para si, o voluntariado vai muito além da palavra, centrando-se na diferença que se faz e na marca que se deixa: “Nas localidades para onde vamos, deixamos também uma vontade de estar mais próximo da Igreja. Isso é muito mais do que voluntariado - é deixar uma sementinha que fica e que nós rezamos para que dê frutos.”

Da primeira missão que fez, guarda na memória um grupo de alunos de um curso profissional de cozinha que não carregavam qualquer motivação. No segundo ano, quando lá voltou, o cenário era outro: “Não só continuavam lá, como tinham começado a ir à missa. Senti que deixámos lá uma pequena marca.”

A seguir à Missão, está a ação – até nos pormenores da rotina, Mafalda garante que tudo muda: “Há uma vontade de não ficar só a ver, de fazer alguma coisa. Saber que algo está mal e perceber onde posso ajudar. Tomar a iniciativa e ir. E isto aplica-se a tudo na vida, sem precisar de ser megalómano. Mesmo em casa, é este o estado de espírito proactivo que desperta em nós depois da missão.”

Para Mafalda, uma grande fonte curiosidade é a própria Companhia de Jesus: “Por tudo, pela maneira como está organizada, por toda a formação que os padres jesuítas têm, e até pela vida de Santo Inácio de Loyola, que é muito inspiradora.” É neste último onde também colhe inspiração: “A forma como ele descobriu que na oração tinha muito mais clareza para a vida e para as decisões que tinha de tomar; mas também a sua própria vida e a sua própria conversão... É, de facto, inspirador.”

Ir a Fátima, este ano, aquando da visita papal, foi mais do que uma emoção, um sinal de uma Igreja com presença firme no país: “Não tinha noção da dimensão até lá chegar. Numa das noites de vigília, olhei para trás e tive noção da imensidão de gente que lá estava. É muito maior do que nós. Senti-me minúscula, mas senti-me feliz – percebi o peso que a Igreja ainda tem em Portugal.”

Hoje, mais do que nunca, pensa que esta tem um papel de que o mundo não pode abdicar: “Estamos cada vez mais focados em nós próprios, nos nossos problemas. Precisamos de um espírito de caridade e de perdão. E não há muito na sociedade atual.”

Quanto ao seu futuro profissional, Mafalda, que está no início do mestrado em Psicologia Clínica Forense, diz que quer, acima de tudo, combinar a possibilidade com o desafio: “Noutras profissões, pedem-nos que sejamos máquinas, mas o facto de que cada um de nós ter as suas crenças ajuda a que esta profissão seja também uma maneira de servir.”



A EXPULSÃO DOS JESUÍTAS EM 1759

JOSÉ PEDRO PAIVA *

O projeto político de Sebastião José de Carvalho e Melo, no âmbito das relações com a Igreja e o clero, começou a afirmar-se através da luta que conduziria à expulsão dos jesuítas, em 1759, e impôs-se após a quebra das relações diplomáticas com Roma no ano seguinte. Estas só se restabeleceram em agosto de 1770 e foi durante esta década que ele aplicou os seus planos.

No quadro do designado despotismo esclarecido, o ministro dos Negócios do Reino, primeiro Conde de Oeiras e mais tarde Marquês de Pombal, visava a criação de um estado secular, apesar de católico, crença que ele perflhava e praticava. O poder da Coroa devia estar totalmente liberto da pressão do poder pontifício, a Igreja e o clero deviam estar subordinados à autoridade estatal e não deveriam interferir no governo temporal do rei. No espírito de Carvalho e Melo, a intervenção do Estado era crucial para pôr termo às situações de exceção dos eclesiásticos, cujas imunidades e privilégios colocavam as suas pessoas e bens fora da jurisdição civil, jurídica e administrativa do Estado, o que era incompatível com um poder que se pretendia absoluto e independente. Esta era uma polémica que de há séculos se vinha a travar em Portugal.

Excluindo a expulsão dos jesuítas em 1759 e a reforma da Inquisição que se consumou com a publicação de um novo Regimento em 1774, aspetos anteriormente inexistentes, a grande novidade trazida por aquele que ficaria conhecido como Marquês de Pombal é que, a partir dele, a supremacia do Estado em relação à Igreja foi empreendida com um outro ritmo, de uma forma coerente, suportada por um projeto político doutrinariamente fundamentado e com evidentes resultados práticos. Os pontuais reveses que o período inicial do governo de D. Maria I, dito da “viradeira”, veio instaurar não foram suficientes para derrubar um sistema *Pombalino* que se escudara na reforma da Universidade como polo

estruturante da profunda transformação de práticas e quadros culturais e mentais de um tempo passado. Como foi usual na sua *praxis* política, Carvalho e Melo escolheu com pertinência e sagacidade alguns confrontos estratégicos como meio de afirmação de um poder do Estado que não se queria constringido nem por Roma nem pela Igreja. É por essa ótica que se podem ler os dissídios que teve, quer com o nuncio papal Acciaiuoli (1754), quer com a Companhia de Jesus (1759), quer ainda, mais tarde, com o inquisidor geral D. José de Bragança e com o bispo de Coimbra D. Miguel da Anunciação. O nuncio e os jesuítas eram os grandes emblemas do poder Romano, o inquisidor geral o representante de uma instituição poderosíssima na vida portuguesa, a prisão do bispo de Coimbra, em 1768, evidenciou que ninguém se deveria opor à afirmação plena do poder do Estado.

De todas estas, a grande causa *Pombalina* foi a perseguição jesuítica. O processo adensou um ambiente geral de mal-estar que esteve na origem do corte de relações diplomáticas com Roma, em 1760. As queixas de Carvalho e Melo residiam no robusto poder cultural, económico e até político da Companhia de Jesus em Portugal. Elas eram evidentes desde 1750, quando, no Brasil, puseram entraves à aplicação do Tratado de Madrid, assinado entre Portugal e Espanha para clarificação das fronteiras entre os dois impérios, com a cedência por Portugal da colónia de Sacramento por troca com extensos territórios no Uruguai – região onde havia muitas missões jesuíticas. Os inicianos teriam mesmo disposto os índios aldeados nas suas missões a não respeitarem os termos do tratado. Outro foco de dissensão foi a oposição dos jesuítas à criação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, fundada em 1755 por Pombal. Há ainda a



221

221 "Fogueiras em Lisboa, pela expulsão dos Jesuítas"
"Bonfires in Lisbon for the expulsion of the Jesuits"

Autor: Author Roque Gameiro, c. 1901
Aquarela sobre papel
Para: História Geral dos Jesuítas, desde a sua fundação até aos nossos dias
Volume 7, Livro II, Assumpção e do Most. Roque Gameiro, 1901, pág. 581
Cfr. S. Nabuco Comde
221. História da Universidade de Coimbra

l i t o r a l

considerar uma antipatia pessoal de Carvalho e Melo por alguns jesuítas, nomeadamente o italiano Gabriel Malagrida. Este, que granjeava grande estima na corte régia, sobretudo junto da rainha, depois do terremoto que arrasou grande parte de Lisboa em 1755, escreveu um texto no qual sustentou que as verdadeiras causas da catástrofe não eram naturais, mas antes o castigo divino pelas graves desordens morais espalhadas por Lisboa, o que implicava críticas a medidas que Carvalho e Melo tomava. Aproveitando um ambiente relativamente hostil em relação à Companhia que também se vivia em certos sectores de Roma, a partir de 1757, Carvalho e Melo começou a urdir a campanha que os havia de derrubar.

Primeiro, acusou-os de promoverem os violentos tumultos que ocorreram no Porto contra a recém-criada Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro.

Depois, alcançou do papa autorização para que o cardeal patriarca de Lisboa D. Francisco de Saldanha – um homem da sua confiança -, se tornasse visitador dos jesuítas em Portugal, contribuindo para denunciar muitas desconformidades que se viveram entre os inacianos.

Em setembro de 1757, os jesuítas que desempenhavam funções de confessores de muitos membros da família real foram expulsos do paço régio. No ano seguinte, em 3 de setembro de 1758, ocorreu em Lisboa um atentado contra a vida do rei D. José I, que Carvalho e Melo aproveitaria para incriminar os jesuítas, sugerindo que teriam sido doutrinas por eles sustentadas que tinham estado na raiz do frustrado regicídio. Em 13 de dezembro, todas as casas da Companhia de Jesus em Lisboa foram cercadas e dadas ordens para que ninguém as abandonasse. Entretanto corria o processo de julgamento dos suspeitos do atentado, que ditaria a condenação à morte, em 13 de janeiro de 1759, de ilustres fidalgos como o Duque de Aveiro, o Marquês de Távora e o Conde de Atouguia, num ritual público de bárbara violência celebrado em Lisboa. No dia anterior, prenderam-se no forte da Junqueira o jesuíta italiano Gabriele Malagrida e outros companheiros, pois nos interrogatórios feitos aos implicados na tentativa de assassinio do rei, sob tortura, apurou-se que os jesuítas seriam instigadores morais do atentado. Em consequência, logo em 19 de janeiro de 1759, uma carta régia determinava o sequestro de todos os bens da Companhia. Para Carvalho e Melo, que beneficiara do apoio de padres da Companhia para subir ao poder, o alibi de que estariam envolvidos no hediondo atentado era oportuna circunstância para os aniquilar, pondo fim às dificuldades que estes causavam à

aplicação de certas políticas, entre as quais, as reformas no domínio do ensino, e que fizeram de Carvalho e Melo um anti-jesuíta.

Finalmente, em 3 de setembro de 1759, precisamente um ano após o atentado ao rei, um decreto régio impunha a expulsão de todos os jesuítas do reino e das suas colónias. Para dar evidências das maldades que praticavam, usando a Inquisição, Carvalho e Melo conseguiria que esta viesse a condenar o padre Gabriel Malagrida. Este foi garrotado e depois queimado na sequência do auto-da-fé celebrado em Lisboa em 20 de setembro de 1761, sendo o último réu do Santo Ofício a sofrer esta pena em Portugal.

A expulsão dos jesuítas foi um gesto radical e verdadeiramente inovador do consulado Pombalino, mais tarde extensível a outros territórios europeus, em processos onde se pode detetar a mão da diplomacia portuguesa. De França os jesuítas foram expulsos em 1762, de Nápoles e de Espanha em 1767.

Bastantes homens da Igreja e seculares fiéis a Carvalho e Melo e adversários da Companhia, o que foi vulgar entre membros de outras ordens religiosas, usaram retórica que alimentaria uma memória sobre o episódio da expulsão que a propaganda pombalina disseminou. Foi o caso do dominicano D. frei Miguel de Bulhões e Sousa, bispo do Pará, no Brasil, que naquela diocese da América portuguesa aplicou a medida de expulsão dos numerosos padres da Companhia ali residentes. Em 1767, quando já era bispo de Leiria, escreveu a um irmão de Carvalho e Melo: “A expulsão dos jesuítas dos domínios de Espanha é uma das maiores novidades que podia vir à nossa imaginação. Ela é um justo castigo do orgulho e da infidelidade daquela corrupta e abominável corporação e ao mesmo tempo imortaliza o acertadíssimo governo do nosso Augusto Monarca, conseguindo o Exmo. Senhor Conde de Oeiras e V. Exa. a glória de serem os primeiros que os chegaram a conhecer e praticaram a resolução de os exterminar.” Na mesma linha, o ilustre doutor em Leis pela Universidade de Coimbra José Seabra da Silva, que se tornara um baluarte do regime *pombalino*, sustentava que, até 1759, Portugal estivera submerso em ignorância e superstição por causa da “terrível Sociedade” dos jesuítas, fase que apenas terminara com a sua “felicíssima expulsão”. A designada Reforma Pombalina da Universidade (1772) ainda foi alimentada por este espírito.

* Investigador do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Deus construiu-me um cadeirão no meio das ondas
Lá nunca me engasgo
O mar é um grande amigo
Que gosta de testar-me

Os amigos testam-se?

Pergunto-lhe sempre
E a resposta é sempre a mesma
Quase me deita abaixo do cadeirão
Parecem chapadas daquelas para acordar
Do meu cadeirão no meio das ondas
Construído por Deus
Vejo tudo
E estou lá sempre
De lá dou sugestões a quem me construiu o cadeirão
Que nunca me ouve
Nem quando digo que

o mar é o que de melhor inventaste

E aí as ondas acalmam
Dão-me sossego
Como se fosse de noite
E pudesse dormir
Para mim
O meu cadeirão
Está sempre a litoral
Não conhece a seca extrema
Não é de madeira
Nem de ferro
Nem de nada
É o meu cadeirão
Construído só para mim
No meio das ondas

SUSANA MARTINS *

* Susana Martins é jornalista na Rádio Renascença desde 1997. Desde 2003 que integra a equipa de política daquela estação e é repórter parlamentar. Acompanhou durante cinco anos (1997-2002) temas de atualidade africana, tendo feito parte da equipa do programa *Renascença em África*. É licenciada em Comunicação Social pela Universidade Católica Portuguesa. *As Boas Obras* é a sua primeira obra publicada.

69

RL #50 | ao largo
criação literária



Título: *Cor, natureza e conhecimento no curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense* (1592-1606)
Autores: Maria da Conceição Camps e Mário Santiago de Carvalho
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Ideia*
Ano: 2016

Unificados pelo arco teórico e hermenêutico que liga a física à metafísica, os três temas dos célebres *Comentários do Colégio Conimbricense da Companhia de Jesus* (1592-1606) – cor, natureza e conhecimento – revelam a surpresa da sua modernidade filosófica: sobre o primeiro tema, evidenciando a insuspeitada produtividade da teoria conimbricense, haja em vista a semelhança entre as doutrinas de Manuel de Góis e as de Goethe, a respeito das cores; sobre o segundo tema, estudando as várias aceções de “natureza” e, por isso, promovendo a valorização de uma preponderância estética nos domínios da antropologia, da cosmologia e até da ciência; finalmente, sobre o último tema, demonstrando a inesperada surpresa de uma problemática teológica, a separação do conhecimento, poder comparecer devidamente adaptada na revolução de Descartes.

LIVROS :

Título: *A Aventura da moeda única europeia: enredos e dilemas, progressos e desafios. Ensaio de história e de política*
Autor: António Martins da Silva
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Investigação*
Ano: 2017

Título: *Recolha Poética* (1954-2017)
Autor: António Arnaut
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2017

Título: *Introdução à Maçonaria*
Autor: António Arnaut
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2017

Título: *Pólis/Cosmópolis: identidades Globais & Locais*
Coordenadores: Carmen Soares, Maria do Céu Fialho & Thomas Figueira
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Humanitas Supplementum*
Ano: 2017

Título: *Antologia Grega. Apêndice de Planudes* (Livro XVI)
Tradução do grego, introdução e comentário: Carlos A. Martins de Jesus
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Autores Gregos e Latinos*
Ano: 2017

Título: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes* (Livro XII)
Tradução do grego, introdução e comentário: Carlos A. Martins de Jesus
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Autores Gregos e Latinos*
Ano: 2017

Título: *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*, 3.ª edição
Coordenador: João Amado
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Ensino*
Ano: 2017

Título: *La influencia de Os Lusíadas de Camões en la épica en castellano* (1578-1627)
Autora: Cidália Santos
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Investigação*
Ano: 2017

Título: *História e Ficção: em Paul Ricoeur e Tucídides*
Autor: Martinho Tomé Soares
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2017

Título: *Le Corbusier, History and Tradition*
Coordenador: Armando Rabaça
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2017

Título: *História do Galego-Português: Estado Linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*, Volume I
Autora: Clarinda de Azevedo Maia
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2017

Título: *História do Galego-Português: Estado Linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*, Volume II
Autora: Clarinda de Azevedo Maio
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2017

Título: *A Cultura Epigráfica no Conventus Bracaraugustanus (Pars Occidentalis): Percursos pela sociedade brácara da época romana*, Volume I
Autor: Armando Redentor
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Investigação*
Ano: 2017

Título: *A Cultura Epigráfica no Conventus Bracaraugustanus (Pars Occidentalis): Percursos pela sociedade brácara da época romana*, Volume II
Autor: Armando Redentor
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Investigação*
Ano: 2017

Título: *Metamorfozes (Μεταμορφώσεων Συναγωγή)*
Autor: Antonino Liberal
Tradução do grego, introdução e comentário: Reina Marisol Troca Pereira
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Autores Gregos e Latinos*
Ano: 2017

REVISTAS:

Título: *Atlantis – Review*, n.º 16
Diretor: Delfim Ferreira Leão
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2017

Título: *Antropologia Portuguesa*, n.º 32/33
Diretora: Cristina Padez
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2017

Título: *Plato Journal*, n.º 16
Direção: Michael Erler e Angela Ulacco
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2016

Título: *Psychologica*, n.º 60-1
Diretor: Rui Paixão
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2017

Título: *Notas Económicas*, n.º 44
Diretor: Paulino Teixeira
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2017

Título: *Archai*, N.º 21
Diretor: Gabriele Cornelli
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2017

Título: *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, n.º XXX
Diretor: José Pedro Paiva
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2017

Título: *Media & Jornalismo*, n.º 30, vol. 17, n.º 1
Direção: Estrela Serrano; Francisco Rui Cadima; Marisa Torres da Silva
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2017

Título: *Atlantis – Review*, n.º 17
Diretor: Delfim Ferreira Leão
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2017

Se em 1964 era apenas título de um livro publicado por Umberto Eco, desde então tornou-se uma expressão de uso corrente, uma espécie de oposição quase proverbial. Originalmente, o escritor propunha a divisão das reações perante a cultura de massas e as indústrias culturais nas duas categorias referidas: de um lado, os primeiros, que consideravam que a massificação da produção e consumo constituíam a perda da essência da criação artística; do outro, os que acreditavam estar-se perante enormes avanços civilizacionais, de uma efetiva e criadora democratização da cultura. Atribuem-lhe a criação da primeira rede global de ensino e um sem número de arquivos ainda hoje úteis para muitas áreas do saber humano: assinalará a história da ciência um contributo notável da Companhia de Jesus para a história do conhecimento? Ou crê-lo-ão, alguns, como travão de uma evolução? Seremos todos descendentes do Iluminismo ou filhos desse outro tempo histórico que teve na religião católica a sua principal alavanca?

RL #50 | AO LARGO

72

apocalípticos e integrados

elogio do Iluminismo

CARLOS FIOLHAIS *

Em 1784, Immanuel Kant publicou um folheto em que respondia à questão: *O que é o Iluminismo?* “Iluminismo é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem. Tal menoridade é por culpa própria, se a sua causa não residir na carência de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo, sem a guia de outrem. *Sapere aude!* Tem a coragem de te servires do teu próprio entendimento!” O Iluminismo consiste, portanto, em seguir a voz interior da razão. Kant era um newtoniano que, depois de ter escrito um tratado de mecânica celeste, procurou “a lei moral interior”. O ideal iluminista consistia em seguir sempre a razão, tanto nas coisas da Natureza como nas coisas do homem. E a razão significava conhecimento, mas também liberdade, igualdade e direitos. O Iluminismo triunfou na ciência, ao acelerar um progresso material que dura até hoje, mas, tendo lançado as sementes de progresso moral e social, não assegurou, porém, o seu crescimento ao mesmo ritmo. Cedo se percebeu que, se o método científico era adequado para descrever a Natureza, conduzindo a uma visão racional universalmente aceite, em matérias sociais e humanas esse método de pouco ou nada servia. Tinha de se avançar de forma lenta e errática.

Em 1784, reinava em Portugal D. Maria I. Quando foi entronizada, em 1777, virava-se uma página da história marcada pela forte ação do Marquês de Pombal, secretário de Estado do seu pai, D. José. Costuma associar-se o Marquês ao Iluminismo luso, em virtude da reconstrução de Lisboa após o terramoto de 1755 e da reforma da Universidade de Coimbra (UC) de 1772, implantando o newtonianismo, para não falar das grandes mudanças económicas e religiosas que empreendeu. O seu conflito

com os jesuítas, que teve o auge na sua expulsão do reino em 1759, ilustra bem a disputa pelo poder na época. Mais do que uma questão teológica, estava em jogo a afirmação do Estado e do regalismo, já que os jesuítas tinham um voto de obediência ao Papa. Era a razão de Estado contra a razão da Companhia de Jesus. A moderna historiografia ensina-nos a não ver o passado a preto e branco: nem os jesuítas eram tão maus quanto a implacável propaganda pombalina fazia crer – por exemplo, padres como Inácio Monteiro eram iluministas – nem o Marquês era um modelo de racionalidade. Ele acendia a sua luz, mas, para que ela se visse melhor, apagava a dos outros (o historiador britânico Kenneth Maxwell chamou-lhe o “paradoxo do Iluminismo”). Não desprezando o papel transformador do Marquês, a verdade é que D. João V, o nosso “rei Sol”, já antes tinha feito luz. A construção da Biblioteca Joanina da UC, do Convento de Mafra e a fundação da Academia Real da História Portuguesa foram momentos brilhantes do nosso Iluminismo.

Hoje somos todos descendentes do Iluminismo. Apreciamos o conhecimento e apreciamos também os valores sociais e humanos que esse extraordinário tempo histórico nos legou. Há, além do mais, uma atitude optimista no Iluminismo – resumida no *Sapere aude!* Ousa saber! –, que continua a ser muito útil nos enevoados dias de hoje. Não nos devemos deixar levar pelos profetas da desgraça, mas antes confiar que, com conhecimento, decisão e coragem, acabaremos por encontrar soluções para os grandes problemas que nos afligem.

* Departamento de Física
da Faculdade de Ciências e Tecnologia
da Universidade de Coimbra

uma companhia empreendedora

JOSÉ EDUARDO FRANCO *

Os jesuítas nasceram sob o signo de controvérsias várias em tempo de revolução de mundividências. O ideário da sua Ordem constituía uma proposta inovadora. A sua capacidade empreendedora invulgar foi o seu grande trunfo e também a sua não menor cruz.

Em pleno século XVI, diversas vozes qualificadas exigiam a reforma da velha cristandade europeia e apelavam a um novo dinamismo dos cristãos para renovar a Igreja Católica e atender aos desafios que as incertezas da modernidade traziam. A Europa Cristã estava a fraturar-se com a confessionalização do cristianismo em igrejas separadas e com as guerras fratricidas por razões religiosas. As viagens marítimas promovidas pelas monarquias ibéricas abriram os caminhos dos mares, dando a conhecer à Europa novos povos, novas culturas, civilizações, religiões e uma diversidade de espécies de fauna e flora, com possibilidades nunca vistas de comércio e riqueza acrescida. A humanidade globaliza-se.

A Companhia de Jesus nasce neste contexto da primeira globalização. Apresenta-se como Ordem dinâmica fundada por um antigo oficial espanhol e estudante de Paris que congrega em torno de si um grupo de jovens estudantes seus colegas, entusiasmando-os a dedicarem-se a um ideal mais alto que implicava consagrar a vida ao lema *ad maiorem gloriam Dei*. Fundam um nova Ordem para atualizar o velho ideal monástico da *sequela Christi*, com o nome de Companhia de Jesus, em 1540.

Com o entusiasmo da juventude e a formação sólida que já tinham recebido, foram agregando um número crescente de membros em vários países, fazendo da sua Ordem, em poucas décadas, uma das mais importantes da Igreja Católica. Em tempo recorde para a época, começando por Portugal,

acolhidos e patrocinados primeiramente por Dom João III, criaram a primeira rede global de ensino, regida pelo mesmo método, a *Ratio Studiorum*, desde a Alemanha ao Brasil, do Japão ao Peru. Só no nosso país fundaram colégios em todas as grandes cidades, desde Bragança a Portimão, bem como nos principais centros urbanos dos territórios ultramarinos e nas suas margens. Alguns colégios acrescentaram universidades, como aconteceu com o Colégio do Espírito Santo em Évora, em 1559. Os jesuítas apostaram fortemente na educação da juventude como forma de qualificar as sociedades cristãs, velhas e novas. Os seus projetos multiplicadores de instituições educativas e científicas, à luz do ideário de educação generalizada e aberta às diferentes classes sociais, foram alvo de severas críticas, mas o investimento da Companhia na generalização do ensino tornou-a precursora do atual sistema de educação para todos. Em paralelo com o investimento na educação, os jesuítas desenvolveram uma multiplicidade de iniciativas, sendo de destacar o seu trabalho de divulgação científica e da criação de uma primeira base de dados global de conhecimento do mundo. Essa memória conservou-se nos seus bem cuidados arquivos que são úteis ainda hoje para a história de muitas áreas do saber humano. Só uma leitura ideologicamente enviesada pode credibilizar esta explicação que desmerece o contributo notável da Companhia para a história do conhecimento, como hoje já é bastante reconhecido pelos mais credíveis historiadores da ciência.

* Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa

RUA LARGA

REVISTA DA REITORIA
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
NÚMERO 50
NOVEMBRO 2017

A Rua Larga está aberta ao trânsito das ideias que circulam na Universidade de Coimbra (UC) desde junho de 2003.

O nome foi tomado de empréstimo à via que atualmente assegura a ligação do Largo D. Dinis à emblemática Porta Férrea. Rua que, antes da construção da cidade universitária como hoje a conhecemos, era já uma das mais importantes da Alta. Hoje, a Rua Larga é uma ponte entre passado e futuro, feita de pedra e ar, desenhada por Gonçalo Byrne.

A *Rua Larga*, revista, é esse espaço ao mesmo tempo simbólico e efetivo por onde passa o que se vai passando na Universidade.

Assine a *Rua Larga* e permaneça em contacto com a UC.

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA RUA LARGA (3 números)*: 15€
Avulso (cada número): 7€ • Números Anteriores: 9€

Assinaturas em www.uc.pt/rualarga

Mais informação rualarga@uc.pt

Consultar números antigos www.uc.pt/rualarga

Os preços incluem IVA e portes de correio nacionais.

* A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano, passando a anuidade a contar a partir desse momento, independentemente do ano civil.